



Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Campus Sertão

Curso de licenciatura em Pedagogia

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: O QUÊ DIZEM OS PERIÓDICOS DE
MAIOR CIRCULAÇÃO DA ÁREA DA EDUCAÇÃO?**

Delmiro Gouveia – AL

2018

MARIA EDUARDA SILVA SOUZA

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: O QUÊ DIZEM OS PERIÓDICOS DE
MAIOR CIRCULAÇÃO DA ÁREA DA EDUCAÇÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado sob a orientação da professora doutora Suzana Santos Libardi, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Sertão.

Delmiro Gouveia – AL

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

S725p Souza, Maria Eduarda Silva

Pedagogia hospitalar : o que dizem os periódicos de maior circulação da área da Educação? / Maria Eduarda Silva Souza. – 2018.

69 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Suzana Santos Libardi.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2018.

1. Pedagogia hospitalar. 2. Levantamento bibliográfico. I. Título.


CDU: 37

AUTOR: MARIA EDUARDA SILVA SOUZA

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: O QUÊ DIZEM OS PERIÓDICOS DE
MAIOR CIRCULAÇÃO DA ÁREA DA EDUCAÇÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao corpo docente da
Universidade Federal de Alagoas e
aprovada em 29 de Agosto de 2018.

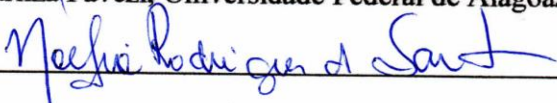
Banca Examinadora:



Dra. Suzana Santos Libardi, Universidade Federal de Alagoas (Orientadora)



Dra. Marilza Pavezi, Universidade Federal de Alagoas (Examinador Externo)



Mst. Noélia Rodrigues dos Santos, Universidade Federal de Alagoas (Examinador Interno)

A Deus e a minha família por nunca descreditarem...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de chegar até este momento. Somente Ele sabe das lutas e dores para percorrer esse caminho. A minha família, em especial a Conceição, minha mãe, Durval, meu avô e Teodoro, meu irmão, que acreditaram em meu potencial e não permitiram que o cansaço fosse maior que minha fé. Ao meu marido, pela paciência e compreensão. Aos amigos, em especial Luizy, Mayko, Clara e Jhoni, que cederam tanto para que esse trabalho fosse realizado.

A Suzana, minha orientadora, que com paciência e compreensão colaborou incansavelmente para que eu chegasse até aqui.

Aos que acreditaram e aos que não acreditaram minha eterna gratidão, pois cada palavra de conforto e carinho me fizeram persistir, e cada palavra de descrença em meu potencial, me fizeram crer ainda mais na vitória.

RESUMO

A Pedagogia Hospitalar é a área de atuação em que o Pedagogo se insere no âmbito hospitalar para que as crianças em tratamento nos hospitais deem continuidade à aprendizagem escolar, minimizando atrasos de aprendizagem devido à internação. Por ser uma área com poucas produções acadêmicas no Brasil, especialmente se comparada a outras áreas clássicas da Educação, o presente trabalho buscou analisar artigos nacionais que tratem da Pedagogia Hospitalar e tenham sido publicados por fontes confiáveis. Deste modo, buscou-se a edição mais recente (2013-2016) do Qualis da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) como referência. A pesquisa, do tipo levantamento bibliográfico, adotou apenas revistas avaliadas como as melhores, segundo os critérios do ranque da CAPES. Assim, foram buscados artigos em periódicos avaliados como A1 na área da Educação para conhecer e compreender como estes artigos abordam a Pedagogia Hospitalar no Brasil. Pôde-se comprovar que há escassez de trabalhos acadêmicos voltados para a Pedagogia Hospitalar, apesar de ser um tema ascendente na área. Do total de 31 periódicos selecionados, foram encontrados apenas 11 artigos no acervo total disponível na internet por estas revistas. O presente trabalho permite compreender conceitos-chave da Pedagogia Hospitalar com base nos artigos analisados. Assim, espera-se contribuir para que os/as pedagogos/pedagogas possam despertar mais interesse pela área.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Hospitais; Educação; Levantamento Bibliográfico.

ABSTRACT

The pedagogy in hospitals operates in the area where the educator is part of the hospital for the children in treatment in hospitals to continue the school learning, with the intention of diminishing delay in learning due to hospitalization. Because it is an area with few academic productions in Brazil, especially compared to other classical areas of education, the present work sought to analyze Brazilian articles that address hospital pedagogy and have been published by reliable sources. In this way, the latest edition was researched in 2013 until 2016 of QUALIS – CAPES (coordination of improvement of higher education staff) as a reference. The bibliographic survey type adopted only reviewed magazines as the best, according to the criteria of CAPES rank. Thus, articles were sought in periodicals evaluated as A1 in the area of education to know and understand how these articles address pedagogy in Brazil. It was possible to prove that there is shortage of academic work focused on the subject, although it is a theme that grows. From the total of 31 selected periodicals, only 11 articles were found in the total collection available on the internet through these magazines. The written work allows to understand the concepts of hospital pedagogy based on the articles analyzed. Thus, it is expected to contribute to educators that can arouse more interest in the area.

Keywords: Hospital Pedagogy; Hospital; Education; Bibliographic Survey.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	9
OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
CAPÍTULO 1. UM POUCO DA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL	13
1.1. A CLASSE HOSPITALAR.....	15
1.2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A CLASSE HOSPITALAR.....	18
CAPÍTULO 2. A PEDAGOGIA NO HOSPITAL.....	22
CAPÍTULO 3. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA REALIZADA	28
3.1. METODOLOGIA	29
CAPÍTULO 4. ANÁLISE DE DADOS.....	32
4.1. CATEGORIA 1: PESQUISA DE CAMPO EM PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	32
4.2. CATEGORIA 2: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA EM PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	40
4.3. CATEGORIA 3: USO DA TECNOLOGIA NA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	43
CAPÍTULO 5. CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ANALISADAS NO LEVANTAMENTO	56
ANEXOS	59
ANEXO 1.....	60
ANEXO 2.....	63
ANEXO 3.....	68

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Segundo Peres (2012), a ação do pedagogo não se dá apenas na escola. Os professores podem atuar em diversos campos, tanto os formais, quanto os informais. Entre os campos formais de atuação, o hospital é um local onde os educadores raramente se vêem exercendo sua profissão, mas é uma instituição de suma importância para educadores atuarem e colaborarem com o tratamento das crianças.

A legislação brasileira reconhece como direito da criança e do adolescente hospitalizado o acompanhamento pedagógico – educacional em ambiente hospitalar (Brasil, 1990). Porém, a insuficiência de estudos e teorias sobre a pedagogia hospitalar desta natureza gera nos pedagogos e nos profissionais da saúde um desconhecimento dessa modalidade de ensino. Isso acarreta na falta de profissionais que possam enxergar a possibilidade da continuidade do currículo escolar fora da escola, e há poucos profissionais que sejam especializados para atuar nessa área.

Segundo Falco (2007) sabe-se que a criança hospitalizada pode sofrer atrasos de diversas ordens. A atuação do pedagogo no âmbito escolar surge assim como uma possibilidade para a criança, que por motivo de internação, encontra-se afastada do ambiente escolar; permitindo de algum modo a continuidade de sua escolarização.

Quando os campos da educação e da saúde, que entendemos que por serem dois campos distintos não estão integrados em seus propósitos. Porém a educação e a saúde devem trabalhar em parceria. Deste modo, a parceria entre a área da educação e da saúde deve ter como ponto de partida o cuidado para com a criança. Para que haja o diálogo entre esses dois campos, é essencial que os profissionais de ambas as áreas tenham o intuito de humanizar o tratamento dado à criança em ambiente hospitalar.

Segundo Mattos et al. (2013):

Para as crianças e os jovens, a escola se configura como um dos principais espaços de sociabilidade de suas vidas, onde aprendem a conviver com as diferenças, a se relacionar com os colegas, a criar laços de solidariedade e amizade (MATTOS et al., 2013, p. 370).

Andrade (2013) relata que falta de diálogo entre a saúde e a educação está relacionada à má educação lecionada nos espaços educativos, bem como a má formação dos profissionais destas áreas do conhecimento, pois a educação é requisito para que a saúde possa ser direito garantido. A educação permite que o sujeito tenha ciência de noções básicas sobre higiene pessoal, doenças que podem ser evitadas, cuidados com o corpo, como ter uma alimentação saudável, entre outras coisas, que só são possíveis se a educação tiver papel principal na vida do sujeito.

Ao se afastar da escola, do convívio contínuo com o ambiente escolar e da rotina outrora vivenciada, a criança pode vir a sentir falta e a necessidade constante de voltar à rotina vivida antes de ela estar inserida no ambiente hospitalar. Segundo Forest & Weissi (2003) o cuidado com a criança passou a ser importante e ser priorizado apenas depois que a escola e a educação deixaram de ser vistas como assistencialistas e começaram a ser vistas como direitos da criança.

Segundo Cunico (2016), é necessário ofertar à criança uma boa recuperação em meio à inquietação que surge referente ao tratamento recomendado e ao tempo de hospitalização. É necessário que haja um novo olhar para o paciente, para que ele deixe de ser visto apenas como algo fragmentado, e não como uma pessoa completa, negando suas especificidades. É importante ter sensibilidade para conhecer a realidade do paciente, ouvir suas necessidades e deste modo, facilitar a compreensão da doença.

Enxergar e acreditar na criança enferma, assim como em qualquer criança, é um primeiro passo para compreendê-la, respeitá-la, auxiliá-la, em seu processo de desenvolvimento, porque a criança não sabe se não viver sua infância, conhecê-la pertence ao adulto (WALLON, 1941, p. 11).

Sendo assim, é necessário que o adulto consiga enxergar a criança de maneira ímpar, para que deste modo, possa auxiliar no seu processo de cura, e para que sua estadia no ambiente hospitalar seja o menos invasivo possível. A criança quer viver a sua infância, mas a internação no hospital a impossibilita de vivenciar essa fase da vida.

Segundo Matos e Mugiatti (2006), com o passar do tempo, o papel do pedagogo não tem se desenvolvido somente em uma sala de aula. Atualmente, a presença do profissional da educação se faz necessária em diversos âmbitos e o hospital é um desses ambientes. Para Jordão

et al. (2016) o estudo nessa área é restrito e é muito difícil encontrar pedagogos que trabalhem nessa área, e ainda mais difícil, é encontrar hospitais que recebam esses profissionais.

O desenvolvimento desta pesquisa é necessário para que os pedagogos e os futuros educadores compreendam que a criança hospitalizada não precisa ser totalmente excluída de atividades prazerosas e de aprendizagem (atividades que tendem, de certo modo, a possibilitar à criança uma recuperação melhor). A área da pedagogia hospitalar, no geral, ainda é um campo desconhecido para os futuros educadores. É necessário que o mesmo conheça o âmbito hospitalar e que esteja disposto a mudar a realidade dessas crianças que, por se encontrarem internadas e afastadas da sua rotina, podem se sentir frágeis.

De modo particular, tive como motivação para realizar a presente pesquisa a necessidade de um conhecimento mais abrangente sobre o tema. De início, pensei em realizar uma pesquisa em campo, com o intuito de conhecer uma Classe Hospitalar e compreender seu funcionamento, porém, na minha região, as Classes Hospitalares são escassas o que dificultaria a realização da pesquisa. Sendo assim, optei por realizar uma pesquisa bibliográfica, o que contribuiu para que a pesquisa fosse realizada de maneira mais ampla. O interesse pelo tema surgiu da necessidade de compreender como as crianças lotadas no ambiente hospitalar davam continuidade a aprendizagem mesmo estando distantes da escola.

Diante desta realidade, esta pesquisa tem o intuito de abranger o que a literatura acadêmica da área da educação tem a dizer sobre a atuação do pedagogo em unidades hospitalares. De acordo com as ciências educacionais, de que maneira o educador pode contribuir para a recuperação do paciente? E para a continuidade dos seus estudos? Considerando que a graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão não oferta disciplinas específicas sobre esse tema, acreditamos que este trabalho de conclusão de curso pode ser útil para nós e para futuros licenciandos.

OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Objetivo Geral

- Conhecer a modalidade da Pedagogia Hospitalar e compreender como ela é relatada atualmente na pesquisa educacional no Brasil.

Objetivos Específicos

- Fazer um levantamento bibliográfico das produções acadêmicas brasileiras (artigos) da área da Educação sobre a Pedagogia Hospitalar;

- Identificar os métodos utilizados pelos pedagogos para que a criança não deixe de aprender, apesar de estar ausente da escola;

- Enfatizar a importância da prática educativa inclusiva focada na atenção humanizada, com o propósito de ajudar na promoção da educação de crianças hospitalizadas.

CAPÍTULO 1. UM POUCO DA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL

A Pedagogia Hospitalar teve início no ano de 1935, em Paris, com a criação da denominada Classe Hospitalar. Henri Sellier foi o precursor desta nova área da pedagogia e do cuidado à criança. Ele criou uma escola nos arredores de Paris que tinha como objetivo principal cuidar das crianças especiais. Segundo Esteves (2008), o exemplo de Sellier foi seguido na Alemanha, Estados Unidos e parte da Europa, já que as crianças com tuberculose eram isoladas e mantidas distantes do convívio social, assim não conseguiam dar continuidade ao currículo escolar. Neste contexto, a classe hospitalar foi criada. Em 1939, foi criado o CNEFEI (Centro Nacional de Estudos e de Formação para Infância Inadaptadas) de Suresnes. Neste mesmo ano o Ministério da Educação da França criou o cargo de Professor Hospitalar. Desde 1939, este centro de formação de professores hospitalares já formou mil professores (Esteves, 2008).

Já na América Latina, em 1922 foram criados pela escola de médicos do Chile os primeiros direitos oficiais das crianças hospitalizadas. No continente europeu, em 1986, foi criada a carta europeia dos direitos das crianças hospitalizadas. Esta carta foi o ponto de partida para diversos outros países, que deram início a uma nova perspectiva no que diz respeito ao atendimento e abordagem das crianças hospitalizadas (Amorim, 2011).

Segundo Amorim (2011), o marco histórico para o início da Pedagogia Hospitalar foi a Segunda Guerra Mundial, onde diversas crianças e adolescentes em idade escolar foram mutilados e ficaram internadas nos hospitais por um longo período. Deste modo, diante da situação em que as crianças eram expostas, feridas e frágeis devido aos acontecimentos acometidos pela guerra, surgiu a classe hospitalar para atendê-las. De acordo também com Silva (2015), o papel do pedagogo no âmbito hospitalar não é algo recente, e teve seu marco histórico definido na Segunda Guerra Mundial, quando as crianças que de alguma forma se machucavam, recebiam tratamento mais brando das pessoas responsáveis pelo seu cuidado.

No Brasil, a Pedagogia Hospitalar surgiu em 1950, no Rio de Janeiro, onde deram início às primeiras práticas pedagógicas em hospitais. O primeiro hospital a receber estas práticas foi o Hospital Municipal Jesus, hospital público infantil, em 14 de agosto de 1950, e teve como precursora da Pedagogia Hospitalar no Brasil a professora Lecy Rittmeyer (Cavalcante et al., 2015).

Como forma de consolidação do trabalho realizado por Rittmeyer, em 1958, a professora Ester Lemes Zaborowiski foi alocada para realizar um trabalho pedagógico com as

crianças lotadas no Hospital Municipal Jesus, colaborando assim para uma realização mais ampla do trabalho pedagógico em hospitais. Em 1960, um segundo hospital na mesma cidade deu início a atividades pedagógicas para crianças hospitalizadas. No hospital Barata Ribeiro, as crianças que estavam em tratamento começaram a ter recreação e atividades escolares (Carvalho, 2015).

Segundo Cavalcante et al. (2015), no estado de São Paulo, o primeiro hospital a priorizar o acompanhamento pedagógico das crianças foi o Hospital das Clínicas da faculdade de Ribeirão Preto, que necessitou passar por mudanças e, em 1997, deu continuidade ao trabalho pedagógico de maneira mais precisa. Apenas em 1981, aumentou no país o número de hospitais que deram início à pedagogia hospitalar em seu interior.

Inicialmente, a Política Nacional de Educação Especial definiu a classe hospitalar como sendo um de seus serviços. De acordo com a Política, a classe hospitalar é: “Ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de Educação Especial e que estejam em tratamento hospitalar” (Brasil, 1994, p. 20). De acordo com Jordão et al. (2016), um dos principais objetivos da Pedagogia Hospitalar é a conscientização e o aumento da prática dos educadores, para que deem uma qualidade de vida melhor para a criança hospitalizada, mas para que haja este cuidado é necessário que o profissional tenha um olhar ativo para seu trabalho com os alunos.

Em relação ao Nordeste do País, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, apenas em 2006 o trabalho pedagógico foi instaurado na enfermaria pediátrica do hospital universitário da Universidade Federal de Sergipe. Esse foi o primeiro trabalho realizado na área da pedagogia hospitalar na região e tinha como tema “Ludoterapia: Uma estratégia pedagógico-educacional para crianças hospitalizadas” (Cavalcante et al., 2015).

De maneira geral, no Brasil, a criação de novas leis e de uma constituição específica para as crianças hospitalizadas contribuíram para que as crianças e os adolescentes pudessem ter um tratamento adequado e menos invasivo.

Em 1995, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente aprovou um texto da Sociedade Brasileira de Pediatria sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados, que abrange o que é direito da criança e do adolescente desde o descobrimento da enfermidade, bem como seus direitos caso não existam mais possibilidades de cura.

Para Esteves:

No Brasil, a legislação reconheceu através do estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado, através da Resolução nº. 41 de outubro 1995, no item 9, o 'Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar' (ESTEVEES, 2008, p.03).

Deste modo, com a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado, as crianças e os jovens passaram a ter seus direitos educacionais garantidos, mesmo lotadas em hospitais, viabilizando assim que o currículo escolar não seja interrompido durante o tratamento de saúde da criança. É importante que todas as crianças disponham de atividades educativas, para que assim, possam continuar se desenvolvendo e aprendendo.

Com o reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente, pela criação de uma legislação vigente, se tornou mais fácil a compreensão de que é necessário que haja acompanhamento pedagógico durante o tempo em que a criança ou o adolescente estiverem impossibilitados de frequentar a escola. Porém, mesmo com a necessidade de acompanhamento das crianças que estão internadas, há locais que desconhecem a legislação, devido à falta de informação; bem como os pais e/ou parentes dos hospitalizados que por desconhecerem os direitos das crianças passam por dificuldades em diversas fases do tratamento.

1.1. A Classe Hospitalar

As classes hospitalares são ambientes projetados com o intuito de promover o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes de Educação Básica que encontram-se hospitalizadas. Assim, a classe hospitalar é uma sala para o desenvolvimento pedagógico da criança que está hospitalizada. A sala necessita ter ambiente propício, com móveis adequados e no mínimo uma bancada e uma pia para realização das atividades. É necessário um espaço próprio no hospital para as atividades pedagógicas. Porém, dependendo do estado clínico da criança ou do adolescente, as atividades podem ser realizadas na enfermaria, ou no quarto de isolamento (Brasil, 2002).

Segundo Corte (2012), a classe hospitalar é, por princípio, um espaço físico diferenciado que crianças e adolescentes hospitalizados são convidados a frequentar para fazerem suas atividades escolares. Mas, mais importante que isso, a classe hospitalar é um local ao qual esses pacientes podem recorrer quando são liberados do leito hospitalar; ou seja, é um espaço que pode promover o convívio social, onde o foco é deslocar a ênfase da doença, da dor e do

tratamento clínico a que ora são submetidos, para outras atividades produtivas que a criança pode executar (buscando favorecer a descontração, a sociabilidade, a brincadeira e o lazer, para além das atividades escolares).

Para Silva e Fantacini (2013), o pedagogo hospitalar atua para possibilitar a continuidade do ensino ao aluno, fazendo com que não exista na criança o medo de ser visto como diferente ou de estar excluído da sociedade. Por estar longe da escola e de sua rotina anterior, a criança pode se afastar de tudo que estava acostumada a fazer. Deste modo, é importante que o ambiente hospitalar tenha um espaço para que a criança possa aprender e socializar-se com outras crianças.

É importante que estejam disponíveis nas classes hospitalares equipamentos audiovisuais, para que a utilização das tecnologias torne mais fácil a aprendizagem e para que seja mais viável a comunicação entre a classe hospitalar e a escola em que o aluno estuda e ora está afastado (Brasil, 2002). Esses recursos podem colaborar para que a comunicação seja mais rápida e que o contato da escola/hospital, não seja realizado apenas pelo professor regente, mas que a família do aluno hospitalizado também possa ter um contato permanente com a escola.

Para Esteves (2008), a classe hospitalar é o ambiente que pretende integrar de maneira mais rápida o paciente hospitalizado ao seu novo modo de vida. Para que deste modo a criança possa socializar-se e não ficar totalmente distante do que outrora realizava, podendo assim, continuar o processo de socialização fora do ambiente hospitalar. Sabe-se que as crianças, antes acostumadas com uma rotina regular, ao se observarem distante desta rotina, podem sofrer de diversas formas, principalmente por muitas vezes acreditarem que o hospital é uma realidade permanente e imutável.

Ainda, para Esteves (2008), a classe hospitalar busca que a criança seja incluída, visa dar continuidade à sua aprendizagem e também recuperar sua socialização. Embora a escola seja algo exterior à patologia, a criança pode manter um vínculo com a escolarização através das atividades executadas na classe hospitalar.

Para Jordão et al. (2016), o espaço da classe hospitalar, busca desenvolver a aprendizagem da criança, sendo assim, busca alcançar metas propostas para recuperação e socialização mediante inclusão social e educacional. Os princípios de ensino da escola regular e da escola hospitalar, são os mesmos, a criança necessita desenvolver sua aprendizagem. Quando a mesma se encontra em ambiente hospitalar, o currículo escolar tende a ser

estacionado, fazendo assim que seu desenvolvimento conforme o currículo da escola também fique comprometido. Para Macedo (2000), o pedagogo que está inserido no âmbito hospitalar tem a proposta de manter ativo esse currículo, mesmo que a criança esteja longe da escola, fazendo com que a criança não perca totalmente o vínculo com o ambiente escolar.

É indispensável que os pais e familiares das crianças hospitalizadas possam ter acesso à classe hospitalar, para estarem cientes do aprendizado promovido ali e tenham eles também um suporte; caso os pais tenham dificuldade de dialogar com a criança sobre a doença e tudo que possa envolver o que a criança está sentindo naquele momento. Isso colabora para que o pedagogo hospitalar possa também desenvolver um trabalho com os pais, colaborando para que o diálogo seja mantido entre a família e os agentes que atuam na classe hospitalar.

Para Vasconcelos:

O distanciamento do processo de escolarização repercute fortemente no processo de socialização, pois a perda de contato da criança ou adolescente com seus colegas é imediata. Outro fator preponderante na perda de escolarização vem da própria doença, acarretadora de grande sofrimento, e ainda promotora do grande dilema do preconceito. As escolas para crianças e adolescentes não informam seus alunos sobre doenças, e logo que um colega é acometido de uma enfermidade grave, os pares não estão preparados para prover um apoio. Não raro acontece o pior: o afastamento dos colegas sadios e o isolamento do colega doente. Muitos pais de crianças *sadias* se sentem incomodados com o contato do filho com um colega atingido por câncer ou Aids, por exemplo. A deficiência física e mental também é um obstáculo para muitas famílias *sadias*. Na maior parte das vezes, segundo depoimentos de professores hospitalares, esse preconceito se deve à desinformação dos pais (VASCONCELOS, 2005, p. 2).

Portanto, é importante que as crianças acometidas por alguma enfermidade possam ser acompanhadas pela classe hospitalar, que tem por intuito que o aluno não seja afastado completamente do que fazia na escola. É indispensável que os colegas de classe e/ou os professores, possam apoiar o estudante, possam estar com ele de alguma forma e possam demonstrar que a recuperação do colega enfermo é algo importante. Para Covic (2008), isso serve para que a criança não ache que, por estar em ambiente hospitalar, está privada do contato com os colegas ou que, por ter deixado de fazer parte da classe escolar, deixou de ser alguém importante. Tudo isso, com certeza, contribui para a recuperação da criança hospitalizada.

1.2. A Formação de Professores para a Classe Hospitalar

A formação do pedagogo tradicionalmente só era realizada para que os professores atuassem em escolas. Com o decorrer do tempo e com a modernização dos papéis do pedagogo na sociedade, foi possível enxergar outras possibilidades para que a criança que não pudesse ir à escola por algum motivo conseguisse dar continuidade ao currículo escolar.

O papel do pedagogo então se transformou e não se dá apenas em sala de aula, todavia a formação dos professores continuou a mesma, visando apenas a necessidade de se ter um professor em sala de aula. Para Zaias e Paula (2010), não há geralmente no Brasil uma formação específica ou continuada para todos os pedagogos. Os pedagogos que se interessam em atuar fora da sala de aula buscam grupos de estudo e cursos complementares para que possam trabalhar como pedagogos fora da sala de aula.

Segundo Paula (2015), no Paraná, existe um programa criado pelo governo do estado em 2007 que atua com o “Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH)”. De acordo com documento oficial consultado:

O Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (Sareh) objetiva o atendimento educacional aos educandos que se encontram impossibilitados de frequentar a escola em virtude de situação de internamento hospitalar ou tratamento de saúde, permitindo-lhes a continuidade do processo de escolarização, a inserção e a reinserção no ambiente escolar (PARANÁ, 2010, p.7).

O programa procura estabelecer entre a criança hospitalizada e a escola um vínculo que havia sido rompido devido à enfermidade. O programa, que trabalha com equipes de docentes para realização das atividades, realiza uma formação continuada para as equipes, visando que desta forma os pedagogos não tenham apenas a formação inicial que lhes foi concedida, mas também uma formação que possa dar suporte às necessidades que surgirão conforme as demandas encontradas durante o caminho a ser percorrido.

Para a primeira ação, houve a preocupação em garantir a participação das equipes selecionadas e dos órgãos parceiros em cursos e eventos com o objetivo de discutir, esclarecer e aprofundar as questões referentes ao desenvolvimento de atividades docentes no ambiente hospitalar, elaboração da Proposta Pedagógica Hospitalar e construção do currículo essencial da Educação Básica, visando concretizar segunda ação indicada anteriormente, pois consideramos o professor como sujeito epistêmico e, por meio do trabalho coletivo, valoriza-se a capacidade intelectual dos professores da Rede Pública de Educação Básica do Paraná na produção de conhecimento. Previu-se, ainda, o acompanhamento aos professores por meio de reuniões técnicas e grupos de estudos, possibilitando troca de experiências sobre o exercício da prática docente em ambiente hospitalar, subsidiando a avaliação constante da implantação do Sareh. A formação continuada é realmente intensificada em todos os setores da Seed-PR e é o evento intitulado “Educação e Saúde – Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar e a Prática Pedagógica”, ocorrido em Curitiba, no período

de 30 de maio a 2 de junho de 2007, que marca o lançamento e início das atividades do Sareh (PARANÁ, 2010, p. 20).

Observa-se no programa a preocupação com a formação do professor. Torna-se importante uma formação intensificada para que as necessidades do professor, no percorrer das atividades exercidas no programa, possam ser supridas.

É importante pensar em como se dá a formação de professores para a classe hospitalar, pois o professor que pretende trabalhar com crianças hospitalizadas precisa chegar ao hospital compreendendo que é necessário, além da formação, uma escuta sensível e um olhar atento para as novas necessidades das crianças.

Para Vasconcelos, sobre a escuta:

Entendemos este processo como essencial à formação docente, como a recorrência positiva do processo de reconhecimento humano. Nesta abordagem, concebemos o indivíduo em constante aprendizagem e por isso necessitando ser reinserido continuamente em seu ambiente para não se tornar um estranho. Desse modo, a abordagem clínica apresenta-se como uma estratégia para formação de profissionais de educação que trabalham com pessoas que estão vivenciando uma situação que consideramos limite, e que põe esses profissionais também em situação limite, porque estar nesse trabalho implica assumir responsabilidades em duplo sentido – do professor para o paciente e do paciente para o professor. Esta responsabilidade permite aos professores em formação perceber que a formação docente é sempre presente em sua vida pessoal e profissional. Estamos ainda engatinhando na formação de professores para atuarem em situações diferentes do corriqueiro, e talvez seja esse não saber constante o que mais nos mantém estáveis (VASCONCELOS, 2015, p.38).

Desta forma, é necessário refletir sobre a formação de professores para a atuação em hospitais, bem como as contribuições da escolaridade. Ao questionarmos a formação do professor, o objetivo principal é tornar relevante a necessidade da formação além daquela realizada normalmente na Universidade. Levando em consideração que na Universidade Federal de Alagoas – UFAL não há, até hoje, nenhuma ação que abranja o papel do pedagogo em ambientes hospitalares, a formação tem sido a meu ver deficitária para o estudante que pretende atuar no ambiente hospitalar.

Este não é um quadro só da Ufal. Para Paula:

Nos cursos de Pedagogia no Brasil, nas licenciaturas e nos programas e pós-graduação, a formação de professores para a área da Pedagogia Hospitalar tem ocorrido através de docentes das universidades que, de forma isolada, em suas instituições de trabalho desenvolvem pesquisas, projetos de extensão, ministram

disciplinas, orientam alunos com trabalhos nesta temática, participam de bancas de avaliações destes trabalhos e mantêm grupos de estudo e pesquisa sobre essa temática. Os acadêmicos da graduação têm contato com esta área através de estágios, projetos de extensão, trabalhos de conclusão de cursos e disciplinas (PAULA, 2015, p. 12855).

Considerando que as pesquisas relacionadas à Pedagogia Hospitalar têm crescido de maneira considerável nos últimos anos com o aumento do interesse tanto dos estudantes, quanto dos pedagogos já formados, é necessário que haja uma proposta para que tanto os alunos quanto os professores possam conhecer e trabalhar nesta recente área de atuação para o pedagogo.

O documento ‘Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações’, publicado em 2002 pelo Ministério da Educação do Brasil e pela Secretaria de Educação Especial, é um documento importante para nortear os professores que atuam em hospitais e realizam atendimento domiciliar. Porém, passados dezesseis anos, as necessidades e as buscas por mais informações sobre essa área, e sobre como o pedagogo pode atuar nela, se tornaram maiores.

Segundo Silva:

As práticas de Educação em/na Saúde é uma quebra de paradigma da modernidade em sua forma político-social de pensar o homem e, mais especificamente, de pensá-lo na ordem planetária. Assim a educação se coloca como promotora dessa ordem e alarga as possibilidades do pedagogo adentrar de maneira participativa em outros espaços e acessar outros conteúdos que não apenas na escola. Essa mudança paradigmática lhe oportuniza acessar outros ambientes até então não muito refletidos para ação pedagógica-educacional, a saber: a prisão, os sanatórios, os asilos, as empresas, os hospitais, entre outros assim considerados espaços não formais da educação por distanciarem-se das práticas específicas da escola (SILVA, 2013, p. 15142).

Assim percebemos que o papel do pedagogo foi mudando com o passar dos anos. A escola ainda é local de maior ênfase para seu trabalho pedagógico, porém, com o aumento das necessidades das crianças em diversos âmbitos, a necessidade de se ter um pedagogo também em outros espaços foi aumentando e se tornando algo crucial. O presente trabalho visou dar visibilidade a esta demanda.

CAPÍTULO 2. A PEDAGOGIA NO HOSPITAL

A lei instituída pela Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 1994) garante às crianças e aos jovens hospitalizados o acesso à educação, para que deste modo dêem continuidade à aprendizagem e não interrompam seus estudos. Segundo Jordão et al. (2016), a hospitalização infantil é um tema de grande importância, principalmente quando há preocupação pelo bem-estar da criança e do adolescente no ambiente hospitalar.

Em 2001, de acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2001), foram formalizadas várias modalidades de educação especial, entre elas: classes comuns; salas de recursos; itinerância, professores intérpretes; classes especiais; ensino domiciliar e a:

Classe hospitalar: definida como sendo um serviço destinado a prover, mediante atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou atendimento ambulatorial (BRASIL, 2001, p. 52).

Sendo assim, a classe hospitalar, ministrada por um pedagogo, visa colaborar para a educação da criança que se encontra lotada em hospital, para que sua aprendizagem não se torne defasada e para que a criança sinta que, mesmo não estando em ambiente escolar, tem direito de continuar aprendendo conteúdos escolares. Ainda, segundo Jordão et al. (2016), é importante que as crianças dêem continuidade aos estudos, para que se possa estimular o desenvolvimento cognitivo da criança, e também, de certo modo, isso pode contribuir para o processo de cura.

Para Silva e Fantacini (2013), a Pedagogia é uma área que atua com a educação, a qual trabalha com o conhecimento. Já o ambiente hospitalar é identificado com o tratamento de saúde, o que ocasiona um “clima” muitas vezes de sofrimento e dor. Unindo-se ambos, funda-se a Pedagogia Hospitalar para desenvolver um trabalho mais completo no que diz respeito à aprendizagem das crianças hospitalizadas.

O papel do professor, pedagogo, dentro do ambiente hospitalar, deve estar associado com seu propósito inicial de suprir as necessidades educativas das crianças e jovens nos hospitais, dando-lhes um suporte educacional e emocional para que todas as atividades sejam aproveitadas e as necessidades supridas de acordo com o ritmo de cada aluno (JORDÃO et al., 2016, p.187).

Portanto, a pedagogia hospitalar tem como principal objetivo a aprendizagem da criança hospitalizada. Saúde e educação estão se unindo, e até então eram vistos de formas distintas, e não como unidade. Com a unificação da tarefa de educar e escolarizar no ambiente de tratamento hospitalar, a criança hospitalizada pode ter seus direitos educacionais mais preservados.

Precisa-se compreender que é possível que alunos que estão hospitalizados podem dar continuidade aos seus estudos, sendo capazes de realizar atividades adequadas ao seu nível de escolaridade, que permitam que estes alunos continuem tendo uma vida escolar parcialmente

próxima da que exerciam antes. Outra finalidade do trabalho da Pedagogia Hospitalar é proteger os direitos da criança e do adolescente hospitalizados. O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente com a (Resolução 41/95) estipula que toda criança e adolescente tem:

Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar durante a permanência hospitalar (BRASIL, 1995, p.1).

Para Ceccim e Carvalho (1997), além das necessidades recreativas e emocionais, é necessário dar ênfase às necessidades intelectuais da criança. Sendo assim, a criança hospitalizada tem como direito que seu currículo escolar não seja interrompido, sendo imprescindível que as condições clínicas da criança hospitalizada sejam respeitadas. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo que é desejado que a criança continue de alguma forma os seus estudos, o atendimento escolar durante a hospitalização deve resguardar as limitações e dificuldades do estado de saúde da criança.

Deste modo, pode-se entender que as crianças que necessitam de atendimento pedagógico no espaço hospitalar, e por algum motivo tenham sua locomoção reduzida ou totalmente afetada, o que pode levá-la a estar internada ou mesmo acamada em casa, estejam impossibilitadas de ir à escola.

O trabalho do pedagogo no hospital é muito importante para ajudar o aluno nas necessidades de desenvolvimento pedagógico, auxiliando o trabalho psicológico e social junto à criança. Para alcançar suas metas, o pedagogo hospitalar necessita ampliar sua compreensão, sensibilidade e energia, para fornecer um atendimento com qualidade para que as crianças possam, a cada dia, lidar melhor com a situação em que se encontram e dar continuidade à sua vida (Silva e Fantacini, 2013).

Para estes autores:

A pedagogia hospitalar demanda necessidades de profissionais que tenham uma abordagem progressista, com uma visão sistêmica da realidade hospitalar e da realidade do escolar doente. Seu papel principal não será de resgatar a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades fazendo fluir sistemas que as aproxime e as integre (SILVA e FANTACINI, 2013 citado por MATOS e MUGGIATI, 2006, p. 12).

O papel do pedagogo no âmbito hospitalar não se entende somente pela recuperação da aprendizagem da criança ou jovem hospitalizado, cabe também ao pedagogo o papel da escuta e de promover o bem-estar da criança internada.

Segundo Cunico (2016), a criança ao ser hospitalizada conhece diversas pessoas, que vão interagir com ela de maneiras diferentes, entre médicos, enfermeiras, familiares, amigos, educadores, pessoas que podem desencadear na criança um sentimento novo, que pode influenciar de maneira positiva na forma como a criança vai enfrentar a doença.

Assegurar o direito que as crianças possuem de ter educação e permitir uma vida mais pacífica e calma é uma das tentativas da Pedagogia Hospitalar. Porém, esta tarefa deve ser realizada de forma coletiva entre pais, familiares e profissionais, e todos precisam participar das atividades, devido às mesmas proporcionarem inúmeras melhorias para a recuperação da saúde da criança (Silva e Fantacini, 2013).

Ainda, para Cunico (2016), o processo educacional no ambiente hospitalar é de suma importância para que a criança recupere sua autoestima e para que possa enxergar a doença de maneira mais leve. Sendo assim, a interação com outras crianças que se encontram na mesma situação que ela pode colaborar para o seu fortalecimento intelectual. Neste processo, é imprescindível a escuta pedagógica, um momento onde a criança possa expressar o que sente e possa conversar sobre seus medos, aflições, mas também sobre suas vontades e anseios. Sendo assim, a equipe pedagógica tem o papel de manter em dia o currículo da escola, conforme a necessidade de cada criança, mas também o dever de manter uma escuta ativa no que diz respeito às necessidades pessoais e específicas de cada criança. O papel da pedagogia no hospital, portanto, é bastante amplo.

Cuidado envolve atenção, esmero, preocupação, responsabilidade. A criança quando hospitalizada pode se demonstrar inquieta, ansiosa, insegura e na maioria das vezes com medo, pois ao se distanciar do convívio com seus familiares, amigos e ter distanciada a sua rotina outrora vivenciada e agora estar em um âmbito totalmente diferente do que lhe é comum, pode causar sofrimento com problemas tanto emocionais, quanto psicológicos. Sendo assim, os cuidados com a criança hospitalizada devem ser redobrados, visando uma recuperação mais rápida e menos árdua.

Considerando a centralidade da escola na vida das crianças (Mattos et al., 2013), a escola torna-se para a criança um espaço de convivência, de modo que as crianças se acostumam com o que é vivenciado neste ambiente. As relações que se desenvolvem entre criança-criança e criança-professor contribuem diariamente para que a criança compreenda, de certa maneira, que aquele é um espaço de aprendizagem. Com a relação professor-aluno, em que o professor demonstra todos os dias o cuidado com os alunos. A criança, com o tempo, entende que aquela relação também é uma relação de cuidado.

Forest e Weiss (2003) abordam que é necessário que a família e a escola trabalhem em conjunto para o bem-estar do educando. Cuidar envolve estudo, dedicação, cooperação, cumplicidade. O cuidado não pode ser visto apenas como algo assistencialista, onde a criança só pode ser cuidada quando há necessidade ou quando há algo errado. O cuidado com a criança e com o jovem deve ser algo constante e contínuo e não apenas algo esporádico.

Forest e Weiss (2003) defendem que, o mais importante no cuidar é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. O cuidado significa valorizar e ajudar a desenvolver as capacidades do outro. Para o cuidado com o outro é necessário comprometimento e respeito. A criança que está sendo cuidada está em contínuo desenvolvimento. Sendo assim, é necessário respeitar suas especificidades e singularidades. O cuidado deve ser realizado de maneira que ajude no desenvolvimento integral da criança, auxiliando na construção de sua autonomia. “O cuidado é um ato de preocupação com outro, é o ato de proteger o outro, sendo assim, a escola ou qualquer outro lugar educativo, assume o papel de cuidar” (Andrade, 2013, p.37).

Baseada nos pensamentos de Heidegger, Feitosa (2009, p.7) conceitua “cuidado” como a “preocupação externa e interna consigo; preocupar-se com algo; tomar conta de; cuidar de;”. Assim, o cuidado pode ser uma ação constante no dia-a-dia. Se as crianças que estão com sua saúde física e mental garantidas necessitam de cuidados, as crianças hospitalizadas necessitam de cuidado mais ativo. Não se pode cuidar da criança hospitalizada apenas com os fármacos, é necessário um cuidar que possa ir além disso.

Outrora, as escolas, principalmente as de Educação Infantil, eram vistas como um local somente de cuidados, e de cunho assistencialista. Os pais das crianças necessitavam trabalhar

fora de casa, e como não havia onde ou com quem deixá-las, buscavam a creche, um ambiente onde a aprendizagem era vista como inexistente e as crianças iam à escola somente para serem cuidadas pelas professoras. Faziam refeições, tinham sua higiene mantida e cuidavam de sua saúde. Logo, tantos os pais dos alunos, quanto os próprios alunos, enxergavam a professora como aquela que cuida. Segundo Andrade:

(...) as políticas públicas para a infância brasileira, do século XIX até as primeiras décadas do século XX são marcadas por ações e programas de cunho médico-sanitário, alimentar e assistencial, predominando uma concepção psicológica e patológica de criança, inexistindo um compromisso com o desenvolvimento infantil (ANDRADE, 2013, p. 131).

As crianças não eram enxergadas como seres de direitos. Com o tempo, percebeu-se que não bastava apenas um local assistencialista para que as crianças pudessem se desenvolver, porém, até que fosse reconhecido que as crianças necessitavam não apenas de um lugar que cuidasse de sua saúde e as alimentasse, era necessário que elas também tivessem seus direitos preservados e que sua aprendizagem fosse priorizada.

As crianças eram tratadas como adultos, a sociedade não considerava a criança um ser de direitos. Para Kramer:

[...] voltadas, quando muito, para a liberação das mulheres para o mercado de trabalho ou direcionar a uma suposta melhoria do rendimento escolar posterior, essas ações partem também de uma concepção de infância que desconsiderava a sua cidadania e desprezava os direitos sociais fundamentais capazes de proporcionarem às crianças brasileiras condições mais dignas de vida (Kramer, 1988, p.199).

Com o passar dos anos, a escola passou a ter um papel consolidador na vida das crianças, visando sua aprendizagem e inserção de novos conhecimentos em sua vida. O papel do professor mudou, porém os cuidados continuaram os mesmos. O professor passou de ser somente àquele que cuidava e se tornou àquele que além de cuidar, estimula a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Se a escola é então um ambiente de ensino e ambiente de cuidado, o pedagogo no hospital precisa estar atento a estas duas dimensões no seu afazer profissional nesta instituição.

Apesar de autores defenderem a perspectiva de que o currículo escolar deve ser continuado mesmo que a criança esteja em espaço hospitalar, e que as crianças mesmo doentes podem continuar com as atividades escolares, isso depende da sua enfermidade e de como o pedagogo hospitalar pode trabalhar com as crianças hospitalizadas. Há, porém, autores que

discordam desta perspectiva e acreditam na ideia de que a obrigatoriedade da continuação do currículo escolar para as crianças hospitalizadas não contribui para a aprendizagem da criança enferma. Eles argumentam que as atividades lúdicas são mais viáveis, levando em consideração que a criança já está lotada em um hospital e necessita de atividades que possam contribuir, de certo modo, para que a ludicidade da criança não se perca no tempo em que ela passará internada (Cavalcante et al., 2015).

CAPÍTULO 3. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA REALIZADA

A pesquisa bibliográfica norteou o trabalho realizado e contribuiu para uma análise mais completa. Deste modo, foi possível compreender a Pedagogia hospitalar de maneira mais nítida e de uma forma que todas as suas vertentes se tornassem explícitas, para que assim, o trabalho ora realizado pudesse colaborar para que essa área da Pedagogia fosse mais conhecida por todos.

A pesquisa que gerou o presente trabalho de conclusão de curso foi do tipo bibliográfica. Para Lima e Miotto:

Destacar as formas de encaminhar e de construir um processo de pesquisa, relativas à definição dos procedimentos metodológicos que orientarão tal processo, baseia-se na observação de que vários relatos de pesquisas, notadamente, carecem de rigor científico na maneira de definir seus procedimentos, que exigem do pesquisador clareza na definição do método a ser utilizado. Um dos procedimentos mais visados pelos investigadores na atualidade, que pode ter sua escolha definida sem o devido cuidado com o objeto de estudo que é proposto, é a pesquisa bibliográfica (LIMA e MIOTO, 2007, p. 38).

Pesquisa bibliográfica é uma metodologia que busca reunir e analisar dados bibliográficos que servirão como base para a pesquisa. É importante que seja definido um processo metodológico para que a pesquisa seja norteada com base em documentos que possam contribuir para que os elementos do objeto de estudo sejam contemplados. Sendo assim, a pesquisa bibliográfica é a parte inicial e imprescindível para qualquer pesquisa. Para Lima e Miotto:

No caso da pesquisa bibliográfica, a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contido no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência (LIMA e MIOTO, 2007, p.41).

A pesquisa bibliográfica contribui para que as análises possam dar suporte para a pesquisa realizada. Analisando a época em que o material foi produzido e como sua perspectiva pode ou não contribuir para o assunto pesquisado.

Ainda para Lima e Miotto (2007), é comum que a pesquisa bibliográfica seja definida apenas como revisão bibliográfica e isso acontece por que falta compreensão de que a revisão bibliográfica é apenas a fase inicial da pesquisa, pois a pesquisa bibliográfica busca nortear o pesquisador sobre o objeto de estudo que será pesquisado.

No presente trabalho, a pesquisa bibliográfica serviu tanto para a feitura da revisão bibliográfica (esquematizada nos capítulos anteriores a esse) como também para o levantamento de dados da pesquisa propriamente.

3.1. Metodologia

O método de análise foi qualitativo, a partir da leitura de artigos científicos levantados para conhecer mais sobre o papel do pedagogo no ambiente hospitalar. Esta metodologia de trabalho permitiu analisar bibliografias que tratam do tema escolhido. O levantamento bibliográfico dará base teórico-metodológica para o trabalho em questão, pois mediante o

estudo do material pôde-se analisar a atuação do pedagogo em um ambiente totalmente diferente da sala de aula, o hospital, trazendo à tona potencialidades e limites do processo de ensino-aprendizagem que ocorre nesse ambiente.

Para a realização do levantamento bibliográfico sobre pedagogia hospitalar foram adotados artigos como material bibliográfico, visto que este formato permite o leitor acessar o que é mais recente em termos de produção acadêmica. Além disso, valorizamos também o acesso gratuito a essas fontes, viabilizando o conhecimento a todos os interessados mais facilmente. Com vistas a levantar artigos que sejam reconhecidos em sua qualidade de publicação, assegurando fontes confiáveis para a presente pesquisa, adotamos a edição mais recente (2013-2016) do Qualis da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) como referência. Ou seja, nossa pesquisa adota apenas revistas avaliadas como “as melhores”, segundo os critérios avaliativos da CAPES. O presente levantamento bibliográfico buscou, então, artigos em periódicos avaliados como A1 na área da Educação para conhecer como estes artigos abordam a pedagogia hospitalar.

A tabela 1 (Anexo 1) reúne lista de 31 revistas científicas da Educação avaliadas como A1 pelo Qualis da CAPES na área da Educação, no quadriênio 2013-2016, e representa as fontes de artigos adotadas no presente trabalho. As informações contidas nas colunas dois à cinco (da esquerda pra direita), tabela 1, foram geradas em ferramenta de busca do site Qualis da CAPES, em consulta feita no dia 01 de novembro de 2017, a qual gerou inicialmente uma lista com 121 revistas/ISSNs fornecidos na primeira busca no site. A obtenção final de apenas 31 títulos de revistas é um dos resultados preliminares de pesquisa PIBIC-UFAL-FAPEAL 2017-2018 realizada pelo GLEI (Grupo de Leitura em Estudos da Infância)¹ da UFAL Campus Sertão. De acordo com a referida pesquisa, as 31 revistas são, dentre as 121, as revistas nacionais com ISSN “válido” (não duplicado na lista Qualis, por exemplo) e da área da Educação. Considerando que a avaliação Qualis na área da Educação não abarca só revistas da Educação (revistas que se dizem de Psicologia, por exemplo, publicam também na área da

¹ Pesquisa executada pelas graduandas de Pedagogia Ana Paula Sandes Araújo, Alana Gabriela Barros Doia da Silva, Claudiana dos Santos Vieira, Geovania Graça da Silva e Natália Barbosa da Silva, sob coordenação da profa.dra.Suzana Santos Libardi. Agradeço ao GLEI pela disponibilização de dados da sua pesquisa.

Educação e constam na lista Qualis), foram selecionadas realmente apenas as revistas que são de fato da Educação (informação obtida pela equipe de pesquisa citada, de acordo com a instituição promotora da revista).

A presente pesquisa foi então realizada adotando as 31 revistas da área da Educação, buscando artigos nos sites oficiais das revistas ou no site delas no scielo adotando as palavras – chaves ‘pedagogia hospitalar’, ‘hospital’, ‘classe hospitalar’ e considerando todo o acervo das revistas disponibilizado online.

Com a busca, foram encontrados 11 artigos os quais foram publicados entre os anos de 1999 e 2015, apesar de não ter sido feito recorte temporal em nossa busca. Os 11 artigos analisados no presente trabalho encontram-se listados no Anexo 2 (distribuição dos artigos por revista) e no Anexo 3 (com a denominação adotada neste TCC). Após o levantamento, os 11 artigos foram lidos integralmente e analisados, sendo distribuídos por mim em três categorias: ‘Pesquisa de Campo’, onde 6 artigos se encaixaram; ‘Pesquisa Bibliográfica’, 3 artigos se encaixaram nessa categoria; e ‘Tecnologia e Pedagogia Hospitalar’, onde 2 artigos foram alocados.

Os artigos foram categorizados da seguinte maneira: categoria ‘Pesquisa de Campo’: contemplou artigos que fizeram pesquisa empírica sobre a pedagogia hospitalar, sobre o papel do professor no âmbito hospitalar ou sobre os desafios do currículo na classe hospitalar. A categoria ‘Pesquisa Bibliográfica’ reuniu artigos que haviam analisado bibliograficamente a história da pedagogia hospitalar, desde a primeira classe hospitalar até os dias atuais. E por fim, a categoria ‘Tecnologia e Pedagogia Hospitalar’ reuniu artigos que debatem como as tecnologias podem favorecer o desenvolvimento da aprendizagem em ambiente hospitalar.

Dos 11 artigos, 6 realizaram suas pesquisas na região Sudeste, 2 artigos na região Sul, 1 artigo (I) tem sua pesquisa bibliográfica baseada em todas as regiões do Brasil, 1 artigo (J) realizou sua pesquisa em 3 regiões do Brasil e 1 artigo (G) não fala onde sua pesquisa foi realizada.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE DE DADOS

Ao analisar cada artigo, notei a necessidade de categorizá-los para melhor compreender cada um deles e a forma como cada artigo contribui com a área da Pedagogia Hospitalar. Sendo assim, os artigos foram distribuídos em três categorias para que desta forma fosse possível entender de maneira mais ampla as diversas perspectivas da Pedagogia Hospitalar. Deste modo, os artigos analisados foram separados por categoria, sendo elas: ‘Pesquisa de Campo’, onde os

artigos que pesquisaram sobre a Pedagogia Hospitalar dentro dos hospitais, analisando o funcionamento das classes hospitalares ou como os professores e pais contribuíram para a construção das classes; ‘Pesquisa Bibliográfica’, onde os artigos analisados buscaram aprofundar suas pesquisas na área da Pedagogia Hospitalar estudando e analisando a história e dados sobre as Classes Hospitalares e sobre o papel do Pedagogo dentro dos hospitais. E a terceira categoria, o ‘Uso da Tecnologia na Pedagogia Hospitalar’ onde os artigos buscaram analisar e relatar experiências sobre o uso de tecnologias no âmbito hospitalar e como essa utilização contribuiu para a aprendizagem das crianças hospitalizadas.

4.1. CATEGORIA 1: PESQUISA DE CAMPO EM PEDAGOGIA HOSPITALAR

Dos 11 artigos encontrados, 7 foram alocados nesta categoria. O artigo A está nesta categoria pois desenvolve uma pesquisa com o objetivo de “conhecer o currículo da Classe Hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul.” (Ortiz e Freitas, 2014, p. 605). O artigo analisou os diferentes tipos de currículo além de abordar diversos questionamentos sobre como deveria ser o currículo de uma classe hospitalar.

O método utilizado para a pesquisa pelas autoras do artigo A foi:

Na seleção da amostragem, foi obedecido o critério da amostra aleatória (sorteio simples) para a escolha de 1/3 dos sujeitos da pesquisa, totalizando seis professores. A coleta de dados utilizou questionário para obter informações junto a este 1/3 de professores integrantes do Programa de Apoio Pedagógico (PAP) – pertencente a Escola Estadual Técnica em saúde (ETS) – com atuação na classe hospitalar do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (ORTIZ e FREITAS, 2014, p. 605).

Como as autoras expõem o método utilizado, é possível compreender como a pesquisa foi realizada e como na realização da pesquisa foi possível a análise de informações sobre as classes hospitalares. Isso contribui para que haja a possibilidade de entender como os métodos utilizados são indispensáveis para uma melhor compreensão de como as classes hospitalares funcionam e qual a sua colaboração para a aprendizagem da criança.

A pesquisa do artigo A é parte da tese de doutorado das autoras Leodi Conceição Meireles Ortiz e Soraia Napoleão Freitas, realizado pela Universidade Federal de Santa Maria e a pesquisa foi realizada no Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA) em 2014.

O artigo B está encaixado na categoria “Pesquisa de Campo” pois realiza uma “experiência de projeto de extensão e de estágio curricular obrigatório” (Cardoso, 2007, p. 305), um trabalho que foi desenvolvido no Setor de Pedagogia do Hospital Joana de Gusmão, com alunos da classe hospitalar de 5ª a 8ª série. O estágio foi realizado em 2001, quando alunas do 7º período do curso de Pedagogia tiveram interesse em conciliar as áreas da Educação e Saúde. O objetivo do relato do artigo B foi discutir a experiência do projeto de extensão do estágio curricular obrigatório. O primeiro grupo só deu início às atividades dentro do espaço hospitalar no ano de 2004.

O estágio ocorreu da seguinte forma:

(...) Efetivamos estudos das possibilidades e viabilidade de tal projeto. Para tanto, foram realizadas atividades como: pesquisa na internet, procurando conhecer experiências nesse nível de ensino no ambiente hospitalar; discussões com professores de metodologia e didática do curso de Pedagogia; entrevistas com profissionais de educação sobre como pensariam uma classe hospitalar de 5ª a 8ª série, tendo em vista as peculiaridades de rotatividade dos alunos, entre outros; visita e entrevista à classe hospitalar na região do Alto Vale de Santa Catarina, a qual, informou que trabalhava com todas as séries do ensino fundamental; realização de oficinas com adolescentes internados para organização de classe (CARDOSO, 2007, p. 311).

Com o método utilizado pela autora, foi possível compreender como a pesquisa se iniciou, e como foi possível as estudantes darem início ao projeto. A partir de uma análise prévia de como as experiências nas classes hospitalares haviam sido realizadas, como professores enxergavam as classes hospitalares e como seriam as atividades realizadas para as crianças hospitalizadas, para a partir disso, darem início ao estágio.

O artigo B foi publicado em 2007, e teve como autora Terezinha Maria Cardoso, doutora em Educação e professora do Centro de Educação e Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio e o relato das experiências também foram realizados na cidade de Santa Catarina.

O artigo C está inserido nesta categoria pois realizou uma pesquisa – ação com a construção da associação de pais e pacientes do Setor de Hemato-Oncologia do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). O artigo:

Procurou documentar o caminho escolhido por 20 pacientes adultos e pais familiares de crianças em tratamento médico no serviço de Hemato-Oncologia do Hospital Universitário de Santa Maria/RS, para o enfrentamento de suas necessidades decorrentes da permanência prolongada no espaço hospitalar, oferecendo, também, a

habilidade de oito pesquisadores e suas competências nas áreas da Educação e do Serviço Social, a se somarem às deles na constituição de sua associação, sempre pautada pelo ideário de integração dos diferentes saberes (ORTIZ et al., 2010, p.318).

A pesquisa-ação foi proposta para que pudesse se inserir o pesquisador em campo, para que pudesse se direcionar as tarefas propostas pelo coletivo. Nas reuniões com os pais eram propostos questionamentos para que os integrantes dissessem como gostariam de construir a associação. O artigo foi produzido por oito autores: Leodi Conceição Meireles Ortiz, doutora em Educação; Simone Hoerbe Garcia, mestre em Educação; Sinara Pollom Zardo, mestre em Educação; Denise Pasqual Schmidt, mestre em Educação; Sabina Fernandes de Castro, mestre em Educação; Carina Vizzoto Meinen, acadêmica do curso de Pedagogia e Soraia Napoleão Freitas, doutora em Educação; todas da Universidade Federal de Santa Catarina. Não se expõe a data em que foi realizada a pesquisa-ação, porém, a publicação do artigo ocorreu em 2010.

O artigo D realizou uma pesquisa-ação para descrever o processo de construção dos saberes escolares por crianças de quatro e cinco anos. A pesquisa-ação foi realizada no EMAE-Escola Móvel Aluno Específico, local responsável pelo atendimento escolar, mantendo contato com as escolas das crianças, mesmo à distância. A pesquisa, realizada entre 2010 e 2012, no Instituto de Oncologia Pediátrica, na Universidade Federal de São Paulo, teve o intuito de descobrir como funciona o EMAE, como são as aulas, como se avalia os alunos, as dificuldades dos pacientes. A pesquisa teve como questionamento norteador: “Como é construída a relação com os saberes escolares, no atendimento escolar hospitalar de crianças de 4 e 5 anos?” (Ortiz et al., 2010, p. 1229). E a pesquisa pode observar como as crianças de 4 e 5 anos em situação hospitalar, atendidas pelo EMAE, se apropriavam de uso social da leitura e da escrita.

O artigo D foi produzido por Vanessa Alvim Kling Ferraz de Carvalho²; Antônio Sérgio Petrilli, doutor em Pediatria e Ciências Aplicadas à Pediatria pela Universidade Federal de São Paulo, doutor em Educação (currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa-ação foi realizada entre maio e dezembro de 2010 e o artigo publicado em 2015.

²Titulação não encontrada porque não foi encontrado o Lattes da autora.

A pesquisa divulgada pelo artigo E foi realizada entre janeiro e julho de 2002, por Rejane de S. Fontes, sendo publicado em 2005. O artigo E está inserido nesta categoria, pois realiza uma pesquisa empírica sobre o papel da educação na saúde das crianças internadas no Hospital Universitário Antônio Pedro, em Niterói – RJ. O artigo teve como objetivo buscar compreender o papel da educação para as crianças hospitalizadas, analisando a ação do professor. A pesquisa foi realizada com 32 crianças (16 meninos e 16 meninas). “As atividades aconteciam duas vezes na mesma semana, com duração média de três horas diárias, pela manhã, totalizando 56 encontros e 168 horas de atividades pedagógicas com as crianças internadas” (Fontes, 2005, p. 130). A pesquisa foi realizada com pacientes reincidentes, não-reincidentes e com condições físicas e psíquicas para participarem das atividades. Para realização das atividades, levou-se em conta:

Adequação à faixa etária, exigência de diferentes níveis de organização mental, atenção, respeito às regras, convívio social, conhecimento da rotina hospitalar, conhecimento de sua doença e de seu corpo, expressão de seus pensamentos e sentimentos através da linguagem oral, gráfica e corporal (FONTES, 2005, p. 131).

Para realização das atividades, a autora analisou diversas perspectivas, para que, deste modo, as atividades fossem realizadas pelas crianças levando em consideração suas especificidades e necessidades. Sendo assim, é possível observar que as metodologias utilizadas pelos autores dos artigos desta categoria, têm o objetivo comum de facilitar a aprendizagem das crianças, observando suas necessidades e compreendendo seus limites.

O artigo F está inserido na categoria “Pesquisa de Campo”, pois relata a experiência do ensino de ciências na classe hospitalar do Hospital Infantil Joana de Gusmão localizado em Florianópolis, Santa Catarina, onde haviam duas classes de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª. A pesquisa foi realizada a partir da descrição e análise dos diários de campo e relatórios produzidos pelos estagiários. Durante os anos de realização da pesquisa (não especificados no artigo) a classe hospitalar tinha uma equipe composta por seis professoras. A rotina do aluno/paciente foi analisada, bem como as atividades de ciências que eram propostas.

A pesquisa registrada no artigo F foi realizada entre maio e agosto de 2003 e o artigo foi publicado em 2013, sendo produzido por Caroline Zalenzala Linheira³; Suzani Cassiani, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Adriana Mohr, doutora em Educação pela Universidade de Santa Catarina.

Já o artigo I é fruto de uma análise realizada pela autora, Eneida Simões de Fonseca, que buscou se aprofundar nos conhecimentos teóricos e metodológicos, colhendo dados sobre todas as classes hospitalares existentes no Brasil, através de contato com o Ministério da Educação e do Desporto (Secretaria de Educação Especial). Entre julho de 1997 e fevereiro de 1998, ela buscou através de questionário enviado para cada Classe Hospitalar do Brasil analisar como as classes funcionavam, com quantos professores e onde funcionavam. O artigo foi publicado em 1999.

O resultado obtido com a pesquisa, segundo a autora do artigo I foi:

A necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimentos teóricos e metodológicos, com vistas a, efetivamente, atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados (FONSECA, 1999, p. 117).

A autora do artigo I expõe que o Pedagogo é importante dentro dos hospitais, pois há a necessidade de continuidade, não somente do currículo propriamente, mas do desenvolvimento da criança por completo. As fontes utilizadas pelo artigo I vão dos anos de 1987 a 1999. Todas as fontes utilizadas falam sobre o papel da educação no âmbito hospitalar, sobre os direitos dos jovens em atendimento e sobre o atendimento pedagógico hospitalar em si.

Os artigos desta categoria, de maneira geral, explanaram o funcionamento de classes hospitalares, suas perspectivas e modo no qual colaboravam para o aprendizado da criança enferma. Bem como foi possível analisar os métodos utilizados para que a criança possa dar continuidade à aprendizagem mesmo estando internada. Foi possível perceber como é necessário e indispensável que as crianças deem continuidade ao currículo escolar, para que a vida escolar não seja deixada de lado por completo, mas também é necessário que não somente

³Titulação não encontrada porque não foi encontrado o Lattes da autora.

o currículo escolar seja contemplado, mas que atividades lúdicas sejam realizadas, para que haja socialização entre as crianças e os agentes responsáveis por sua saúde e aprendizagem.

Ao analisar os artigos, busquei conceitos que pudessem contribuir para a presente pesquisa. Busquei os conceitos de Classe Hospitalar (qual definição os artigos adotam?), de Saúde e Doença (o que é saúde/doença para a Educação?), e considerações sobre o papel do Pedagogo na Classe Hospitalar. Quando o artigo não conceituava explicitamente nenhuma dessas palavras, busquei outros conceitos relacionados existentes no texto para que eu pudesse dar ênfase ao quê o autor tratava no artigo.

Feito isso, percebi que o artigo A não conceitua classe hospitalar, porém define “escola hospitalar”, a qual para as autoras: “configura-se como um espaço onde os estudos sistematizados circulam não de forma absolutizada. Nela, a cognição e o prazer em aprender assinam acordos de dialogicidade para garantir caminhos desimpedidos nesta paisagem pedagógica” (Ortiz e Freitas, 2014, p. 600). Para o artigo B, classe hospitalar é: “A terminologia utilizada pelo Ministério da Educação/Secretaria da Educação Especial (MEC/SEESP) para designar o atendimento pedagógico educacional no hospital, com vistas à continuidade do aprendizado de conteúdos curriculares” (Cardoso, 2007, p. 309). O artigo C não define classe hospitalar, porém define a educação como:

Ato de transformação e possibilidade de articular atitudes que visem à qualidade de vida de comunidade engajada na mudança de sua situação, destaca-se o papel de valorização do próximo, da cooperação e da solidariedade como ponto de partida para a execução de novos fazeres sociais (ORTIZ et al., 2010, p. 333).

Os artigos D e E também não definem classe hospitalar. O artigo F mencionou a definição de classe hospitalar da Política de Educação Especial, que definiu Classe Hospitalar como: “Ambientes próprios que possibilitam o acompanhamento educacional de crianças e jovens que necessitam de atendimento escolar diferenciado por se encontrarem em tratamento hospitalar” (Brasil, 1994, p.20).

O artigo I conceitua classe hospitalar como: “Direito de crianças e jovens hospitalizados ao atendimento pedagógico – educacional, durante seu período de internação” (Fonseca, 1999, p. 117).

É importante que a classe hospitalar seja conceituada, tendo em vista que o acompanhamento escolar da criança possa ser realizado em espaço próprio para isso. Porém, é necessário ressaltar que a depender da enfermidade que afete a criança, o acompanhamento pode ser realizado no próprio leito, para que a criança não tenha a necessidade de se deslocar do seu leito. Nas classes hospitalares não é realizado somente o acompanhamento curricular, também são realizadas atividades lúdicas que contribuem para a aprendizagem da criança.

Sobre o conceito de saúde/doença, foi percebido que nenhum dos artigos desta categoria explicita-os, fazendo com que este pareça ainda meio obscuro, especialmente se tratando de artigos de pesquisas de campo.

O artigo A não define como é o papel do pedagogo no hospital. Porém, as autoras definem a “escuta pedagógica”, dizendo que a mesma:

(...) não é uma mera audição, mas uma escuta que implica em apreensão/compreensão dos muitos sentidos presentes no ato de revelar-se ao outro. Significa, ainda, aventurar-se no provisório, saber dialogar com o mistério, despojar-se das certezas, penetrar nas sombras, surpreender-se com o visível e o invisível na comunicação dos sonhos e desejos (ORTIZ e FREITAS, 2014, p. 600).

Segundo elas, é importante que o dialogo entre a criança e os participantes de sua recuperação seja algo contínuo, para que a criança possa compreender que não está sozinha e que pode ser ouvida a qualquer momento do seu tratamento. A criança deve ser ouvida e compreendida e para que isso aconteça, é necessário uma comunicação clara, para que todas as necessidades que percorrem a estadia da criança sejam atendidas.

O artigo B fala sobre essa nova área do Pedagogo. “As novas demandas dos alunos e das instituições educacionais, a abertura de novas frentes de atuação para o Pedagogo” (Cardoso, 2007, p. 307), reiterando apenas o campo como uma novidade, nada além disso. Já as autoras do artigo C deixam explícito no que a educação colabora para a saúde:

A educação, dentro do universo de significados que assume na ambiência da saúde, é um motor movido pela utopia da mudança, impulsionando o destino do sujeito e da sociedade, bem como, fazendo uso de combustível ativado pela luta dos contrários e negociações em engrenagens dialógicas, reafirmando-se, portanto, num prima epistemológico, o papel social da educação e da pesquisa como ideário cultural da cidadania e da identidade social (ORTIZ et al., 2010, p.333).

Então, a educação tem papel fundamental na vida do ser humano. Por isso, ao pensarmos em uma criança que está impossibilitada de frequentar ambiente escolar, a Educação dentro do

ambiente hospitalar nos faz enxergar a possibilidade de mudança na rotina hospitalar da criança. A criança pode, de certo modo, compreender que há possibilidade de continuidade, mesmo que momentaneamente o hospital seja o ambiente que fará essa continuidade ser possível.

O artigo E fala sobre o atendimento pedagógico:

Ao conhecer e desmistificar o ambiente hospitalar, ressignificando suas práticas e rotina como uma das propostas de atendimento pedagógico em hospital, o medo da criança, que paralisa as ações e cria resistência, tende a desaparecer, surgindo em seu lugar, a intimidade com o espaço e a confiança naqueles que ali atuam (FONTES, 2005, p.122).

O artigo também fala sobre o ofício do professor no hospital: “Apresenta diversas interfaces (política, pedagógica, psicológica, social, ideológica), mas nenhuma delas é tão constante quanto a da disponibilidade de estar com o outro e para o outro” (Fontes, 2005, p. 123).

O professor, assim como no ambiente escolar, tem papel fundamental no ambiente hospitalar. Ao compreender a necessidade de seu empenho em um ambiente diferente daquele no qual está acostumado, o professor que se habilita a trabalhar em hospitais compreende que há necessidade do seu trabalho não somente na escola, mas também em ambientes onde pouco se expõe sobre essa necessidade.

Sobre o papel do professor no hospital, a autora do artigo F reflete:

(...) No reconhecimento do papel do professor no hospital, não apenas como um ocupador do tempo ocioso do aluno – paciente, como o senso comum, muitas vezes, o qualifica, mas como um profissional apto para desenvolver uma temática específica a partir dos conteúdos escolares e, assim, contribuir com a saúde do aluno-paciente (LINHEIRA et al., 2013, p. 545).

O artigo I também fala sobre o papel do professor:

Ele é capaz de incentivar o crescimento e o desenvolvimento somatopsíquico, intelectual e sociointerativo. Uma vez que a criança não tem seu crescimento e desenvolvimento interrompidos por estar hospitalizada, a presença do professor que conhece as necessidades curriculares da mesma, torna-se um catalisador que ao interagir com a criança, proporciona-lhe condições para a aprendizagem (FONSECA, 1999, p. 126).

Os autores do artigo D falam sobre a cronologia da doença: “No caminho da cronologia iniciada pelo nascimento da criança, há a doença, o diagnóstico, o tratamento, é preciso pensar o papel da educação neste percurso” (Carvalho et al.,

2015, p. 1210). E explicitou também o que o aluno é, diante da situação em que está vivendo: “O aluno é, portanto, o objeto do discurso do locutor e de todos os participantes da situação de enunciação” (Carvalho et al., 2015, p. 1217). O artigo E não menciona a definição de saúde e/ou doença.

Com a análise dos artigos desta categoria, foi possível compreender como é importante a inclusão de crianças hospitalizadas, como há diversas formas de tornar a vivência das crianças dentro dos hospitais algo menos complexo. Os artigos buscaram analisar práticas que pudessem contemplar a educação dentro dos hospitais, contribuindo para um atendimento mais humanizado e diferenciado para as crianças.

4.2. CATEGORIA 2: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA EM PEDAGOGIA HOSPITALAR

A categoria “Pesquisa Bibliográfica” foi criada levando em consideração os 3 artigos analisados que buscaram compreender a Pedagogia Hospitalar analisando dados bibliográficos, autores que discorreram sobre o tema e analisaram a história da Pedagogia Hospitalar. Nesta categoria, foi possível perceber que os autores dos artigos analisados utilizam fontes desde o ano de 1966, autores que há muito tempo buscam compreender o papel que a educação tem dentro dos hospitais e recorrem também às Leis que garantem que as crianças tenham a continuidade de sua educação garantida mesmo que estejam em hospitais. Também foi possível observar, ao analisar os artigos desta categoria, que seus objetivos buscam analisar teoricamente o que os autores discutem sobre a Educação e a Saúde e sobre como esses dois campos, ao se unirem, podem contribuir para o desenvolvimento da criança.

O artigo G está inserido na categoria “Pesquisa Bibliográfica”, pois analisa construções históricas sobre saúde e doença e o desenvolvimento na infância. O objetivo que norteou a produção do artigo foi realizar uma pesquisa teórica que analisa o hospital e a escola, como espaços de desenvolvimento da criança acometida pelo câncer. O resultado da pesquisa “Questiona o diálogo das instituições responsáveis pela criança em tratamento hospitalar e indicam a precariedade dessa relação, ao produzir uma educação marcada por impossibilidades” (Rolim, 2015, p.141).

A autora é Carmem Lúcia Artioli Rolim, doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, em São Paulo. A mesma não relata onde a pesquisa foi realizada e nem o ano, porém o artigo foi publicado em 2015. As fontes utilizadas pelo artigo G foram de 1998 a 2013, e pode-se perceber que as fontes se alteram entre autores que falam sobre patologias, sobre saúde e autores que falam e divergem sobre o papel da educação no âmbito hospitalar.

As considerações destes autores citados no referido artigo divergem sobre qual o papel da educação no ambiente hospitalar, pois há autores que acreditam que dar continuidade ao currículo escolar não é tão importante quanto manter ativa a ludicidade da criança hospitalizada. Para alguns autores, as atividades escolares podem esperar até que a criança tenha alta do hospital, mas é importante que o Pedagogo esteja na classe hospitalar, para que a criança tenha momentos de lazer, socialização e ludicidade durante o internamento.

O artigo H está inserido também nesta categoria, pois busca discutir a educação no ambiente hospitalar, recorrendo para isso à teoria da complexidade. O artigo H teve como objetivo discutir as classes hospitalares e o papel da educação nesses ambientes, visando a expansão dessa área de atuação do pedagogo. O resultado obtido, segundo as autoras do artigo H foi:

A necessidade de desenvolver uma atitude estratégica sustentada na crítica do paradigma hegemônico e de invenções críveis de novas formas de conhecimento e organização em ambientes educacionais hospitalares que primem pelo atendimento integral à criança hospitalizada (ZARDO e FREITAS, 2007, p.3).

É possível observar que as autoras buscam analisar práticas que têm o objetivo de incluir as crianças hospitalizadas em uma realidade diferente do que é comum viver dentro dos hospitais e para que, assim, a criança possa frequentar a classe hospitalar, atendendo às necessidades da realização de atividades lúdicas, bem como a continuação do currículo escolar.

A pesquisa foi realizada por Sinara Pollom Zardo, mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul e a orientadora de pesquisa foi

Soraia Napoleão Freitas, doutora pelo Departamento de Educação Especial e do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade de Santa Maria, no mesmo estado. As fontes utilizadas pelo artigo H foram de 1966 a 2005, fontes bibliográficas que abrangem a importância do psicólogo no hospital e as fontes que falam sobre como a classe hospitalar é um espaço de possibilidades.

Estudando e analisando os textos completos destes 2 artigos (o G e H), que integram a segunda categoria analítica da presente pesquisa, foi possível conhecer como eles a partir da pesquisa bibliográfica de cada um definem os conceitos que mais me interessaram: Classe Hospitalar, Saúde/Doença e papel do pedagogo no hospital. Sobre o conceito de Classe Hospitalar, a autora do artigo G conceitua:

Atendimento hospitalar que ocorre no espaço de tratamento da saúde, seja enfermarias, ambulatórios, leitos, ou mesmo em locais adaptados pelo hospital para atividades escolares, denominado de classe hospitalar. Esse deve ser implantado pela necessidade de internação da criança e afastamento escolar, por um dia ou por um longo período de tempo (ROLIM, 2015, p.139).

Já para o artigo H a classe hospitalar:

Pode ser considerada um ambiente educativo dentro do hospital que propicia a construção saudável da subjetividade, já que o evento da hospitalização é desconhecido por vários pacientes – alunos e repercute em afastamento do lar, da família, dos amigos e da escola (ZARDO e FREITAS, 2007, p.8).

Os dois artigos mencionados acima conceituam de maneiras diferentes Classe Hospitalar. Para a autora do artigo G, Classe Hospitalar é o local para que a criança dê continuidade às atividades escolares no ambiente hospitalar. A maioria dos autores que discorrem sobre a Pedagogia Hospitalar, explanam a necessidade da continuação do currículo escolar para que as crianças hospitalizadas não se percam no ano letivo escolar. Porém, há ainda uma minoria de autores, que assim como os autores do artigo H, falam sobre a importância da Classe Hospitalar, mas não apenas para dar continuidade ao currículo escolar, e sim para que as crianças tenham um ambiente que propicie a elas leitura, interação, comunicação, brincadeiras e socialização entre as outras crianças do hospital.

Sobre o conceito de saúde e/ou doença o artigo G não conceitua, porém faz uma reflexão sobre o que a doença pode acarretar na criança e como pensar o hospital como um espaço educacional que pode contribuir para a saúde da criança enferma. Diz o artigo:

Pensar nos espaços de atendimento educacional realizado às crianças com comprometimentos de saúde, traz à tona questionamentos que acompanham o desenvolvimento da humanidade e remetem à reflexão sobre saúde e doença; vida e morte; habilidade e debilidade. Questões essas que, mesmo em aparente antagonismo falam de um continuum e se tornam ainda mais complexas diante de patologias graves como, câncer infantil, na medida em que o movimento do “estar doente” acaba por exigir um troca quase absoluta das rotinas educacionais pelos protocolos médicos. Situação que substitui carteiras escolares por leitos hospitalares (ROLIM, 2015, p.131).

Ao longo da vida, diversas enfermidades podem ocorrer na vida da criança e muitas delas podem levar a criança à internação. O hospital se torna um novo local para a criança, onde existe nova rotina e novas pessoas ao seu redor. É uma constante adaptação até que a criança se acostume com tudo novo que está ao seu redor. Para que o tempo que a criança vai passar lotada no ambiente hospitalar se torne menos difícil, levando em consideração que tratamentos exigem muito da criança, se torna necessário que haja um ambiente que colabore para que a criança se desenvolva em outras áreas da vida e que propicie um desenvolvimento educacional adequado.

4.3. CATEGORIA 3: USO DA TECNOLOGIA NA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Apesar de se tratarem de 2 experiências práticas de pesquisa, resolvi agrupar dois artigos nesta categoria para destacar a tecnologia como instrumento da Pedagogia Hospitalar. Os artigos analisados explanam pouco sobre o material que é utilizado nas classes hospitalares em si mesmas. Porém os artigos J e K falam sobre o uso de materiais que contribuem para a melhoria da vida da criança dentro do hospital como um todo. Sabe-se que o uso da tecnologia dentro dos hospitais é algo que tem emergido nos últimos anos, levando em consideração que o uso da tecnologia tem contribuído tanto para que a doença seja diagnosticada, quanto para seu tratamento. Agora a tecnologia também é utilizada para a aprendizagem das crianças internadas nos hospitais e contribui para que essa continuidade escolar seja feita de maneira singular pela criança.

Outrora, os hospitais não utilizavam nenhum tipo de tecnologia para tornar a estadia das crianças algo mais confortável e que pudesse trazer para as crianças algum tipo de distração ou aprendizagem. Com o passar do tempo, os hospitais começaram a utilizar a televisão, como forma de distração para o paciente e seu acompanhante, caso o tivesse. Recentemente, foi

possível a utilização de inúmeras tecnologias que garantem ao paciente não somente distração, mas também uma forma de conexão com a realidade vivenciada antes do internamento.

O artigo J está inserido na categoria uso da tecnologia na pedagogia hospitalar, pois analisa experiências com diversas tecnologias dentro da classe hospitalar, debatendo como as tecnologias podem contribuir para a melhoria do bem-estar dos pacientes. As tecnologias sobre as quais o artigo fala são as tecnologias com que a autora teve experiência durante o tempo em que trabalhou com classes hospitalares. Entre estas, ela relata o uso da televisão: “Assistir à televisão representava um ato de contemplação das imagens e fuga da realidade hospitalar” (Paula, 2007, p. 327). Depois de um tempo os hospitais inseriram o vídeo nas classes hospitalares, o que fazia muito sucesso entre as crianças.

O cinema também foi inserido na classe hospitalar: “Outros episódios interativos ocorridos com a presença de tecnologia no hospital estiveram relacionados a tecnologia” (Paula, 2007, p. 328). A autora relata que um médico iniciou um convênio com o cinema da cidade de São Luís - MA. Também houve a implementação de computadores nas enfermarias e houve vários projetos envolvendo a utilização de fotografias.

Com a análise deste artigo, pode-se perceber que todos os funcionários do hospital buscavam de alguma forma inserir alguma tecnologia no dia-a-dia das crianças que estavam hospitalizadas e que, em conjunto, buscavam formas de amenizar o cotidiano das crianças que estavam internadas, com brincadeiras, leitura, conversas, jogos interativos e com a exibição de filmes.

A autora do artigo J fala sobre a importância da tecnologia: “A importância que a tecnologia representa nas enfermarias dos hospitais brasileiros, para auxiliar às crianças e adolescentes hospitalizados a conhecerem diferentes interatividades neste ambiente” (Paula, 2007, p. 332). A autora, Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, é doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, e relata no artigo suas experiências como professora de classes hospitalares. O artigo J não fala sobre o ano da pesquisa, porém a publicação ocorreu no ano de 2007.

O outro artigo que compõe esta categoria de agrupamento dos artigos levantados, o artigo K, está inserido nesta categoria, pois explana como um aplicativo específico, o “EureK@Kids”, colabora para o desenvolvimento das crianças hospitalizadas.

O ambiente virtual EureK@Kids permite a interação e a exploração de diversas possibilidades de aprendizagem decorrente de formas diferenciadas de comunicação: a de um para um, a de um para muitos e a de muitos para muitos (TORRES, 2007, p. 339).

A autora explana sobre como o aplicativo funciona e sobre alguns desafios encontrados durante a inserção dessa tecnologia. E fala sobre a importância do programa:

O projeto Eurek@kids apresenta-se como uma proposta e que contribui para ampliar significativamente os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos nos hospitais, incorporando o uso das tecnologias de comunicação e informação, como ferramenta de base para dar suporte as atividades para o atendimento da criança/jovem doente, diminuindo sensivelmente grandes percalços sociais, destacando-se a inclusão social, a democratização tecnológica, a promoção humana, as novas formas de comunicação e a educação inclusiva (TORRES, 2007, p. 338).

É importante a inserção de novas tecnologias dentro dos hospitais, para que a criança hospitalizada possa dar continuidade à sua aprendizagem, bem como aprender coisas novas, pois a utilização de novas tecnologias permite a criança acessar diversas informações que são uteis para sua aprendizagem. A tecnologia também pode ser utilizada como forma de distração e entretenimento, com a utilização de jogos educativos.

A pesquisa foi iniciada em junho de 2005, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, e teve previsão de encerramento da sua primeira fase em 2007, com a publicação do artigo no mesmo ano. A autora, Patrícia Lupion Torres, é doutora em Engenharia de Produção (Mídia e Conhecimentos) e professora titular do Departamento de Educação e do Programa de Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Sobre os conceitos buscados para este TCC, nenhum dos dois artigos desta categoria conceitua Classe Hospitalar, saúde e/ou doença e o papel do Pedagogo no Hospital. Porém, os artigos definem outros conceitos importantes para a Pedagogia Hospitalar de maneira geral e também explanam sobre a utilização do uso das tecnologias nas classes hospitalares.

O artigo J, por exemplo, fala sobre os direitos das crianças que estão no âmbito hospitalar e como a tecnologia tem contribuído para a sua garantia:

(...) as últimas décadas, com o desenvolvimento de projetos de humanização e políticas públicas voltadas para atender aos direitos dos pacientes, a tecnologia vem assumindo um importante papel nas instituições hospitalares. Ela tem sido utilizada tanto para o diagnóstico e cura das doenças, como para entreter os pacientes (PAULA, 2007, p. 320).

O artigo K explana sobre como o aplicativo funciona e o que possibilita. “O processo ensino – aprendizagem no EureK@Kids é baseado em uma mídia de terceira geração, que possibilita a interatividade, a flexibilidade e a interação entre os diversos atores do processo, garantidas pela sincronicidade e assincronicidade da comunicação” (Torres, 2007, p. 338).

Com os diversos avanços tecnológicos e principalmente com o avanço da humanização nos leitos hospitalares que garantem aos pacientes uma nova forma de tratamento, se tornou comum que os diversos agentes que contribuem para a melhoria do paciente façam uso dessa nova ferramenta para garantir uma melhor comunicação entre todos. Com a necessidade da criança de não se distanciar de vez de sua antiga rotina, a tecnologia contribui para que o paciente possa se comunicar com as crianças e os professores da escola que momentaneamente não fazem parte de sua nova rotina. A tecnologia também facilita a realização de atividades e de pesquisas rápidas, bem como ajuda no entretenimento da criança.

O artigo J também relata como a internação é vivida:

A internação parece trazer uma ruptura das pessoas com o mundo externo. É como se existisse uma pausa no mundo natural e construção de um outro mundo no hospital, cercado por algumas paredes, muros, regras e interações. Para algumas pessoas, a internação é um momento de sofrimento, para outras, de redefinições. Porém, algumas privações não deixam de existir (PAULA, 2007, p. 322).

De forma similar, o artigo K fala sobre como é a vivência de crianças e adolescentes internados. “Crianças e adolescentes internados em hospitais vivem experiências de primeiras ou repetidas hospitalizações, em um ambiente desconhecido no qual passam a conviver com a ansiedade, a dor, o sofrimento, a doença, e, muitas vezes com a incerteza de cura”(Torres, 2007, p. 336). A autora define “aprendizagem colaborativa” como: “Uma metodologia de aprendizagem, na qual, por meio do trabalho em grupo e pela troca entre pares, as pessoas envolvidas no processo aprendem juntas” (Torres, 2007, p. 339).

Com a internação, a criança fica afastada da rotina antes vivenciada e surge a necessidade de se adaptar a uma nova rotina. Para que a nova realidade não seja algo que traga mais sofrimento, os pais geralmente fazem por onde tornar o ambiente do leito hospitalar o mais acolhedor possível. Levam para o hospital televisor, brinquedos, livros, objetos que podem fazer a criança se sentir o mais confortável possível. Porém, é praticamente inevitável que a criança não sinta as diversas mudanças que interferem no seu dia-a-dia. Com a ausência da escola, local onde a criança se socializa e também aprende, a criança sente, na maioria das vezes, a necessidade de continuar com as atividades que realizava antes do internamento. Por isso, tanto os agentes familiares, quanto os hospitalares, devem ter contato direto com o Pedagogo que atua dentro do hospital, para que juntos possam construir junto à criança uma forma de aprendizagem que ajude a criança dar continuidade às atividades realizadas na escola, mesmo internada no hospital.

5. CONCLUSÃO

Na presente pesquisa buscou-se produção científica que abordasse a Pedagogia Hospitalar. Foram encontrados 11 artigos da área da Educação nas revistas de maior circulação no país, que muito contribuíram para a pesquisa. Porém, levando em consideração a importância do papel do pedagogo hospitalar e de como essa área pode contribuir para a aprendizagem das crianças enfermas, avaliamos que o volume da produção ainda é pouco e não abarca todas as necessidades de estudo desse novo campo de atuação; o que nos leva a concluir pela necessidade de discussões mais profundas sobre o tema.

Pode-se concluir, com a pesquisa ora realizada, que a Pedagogia Hospitalar ainda é uma área pouco pesquisada no Brasil. As discussões sobre este campo de atuação do pedagogo são escassas dentro da universidade. Não há comumente disciplinas na licenciatura em pedagogia das universidades públicas do Nordeste que discutam sobre as necessidades e principalmente sobre os direitos das crianças que, por motivo de doença, estão impossibilitadas de frequentar a sala de aula.

A pesquisa tinha como um dos objetivos identificar os métodos utilizados pelos pedagogos para que a criança não deixe de aprender, apesar de estar ausente da escola. Porém pelo exposto no capítulo anterior, na maioria dos artigos analisados não se explana quais os métodos que os pedagogos do campo hospitalar utilizam para dar continuidade à aprendizagem da criança. Os autores que realizaram a pesquisa no âmbito hospitalar, em sua maioria, apenas descrevem os desafios da aprendizagem e adaptação da criança sem explicar se há ou não a necessidade de métodos diferenciados (dos da escola) a serem usados pelo profissional da pedagogia. Apenas os artigos relacionados à tecnologia na Pedagogia Hospitalar falaram sobre alguns instrumentos utilizados para que a tecnologia seja incorporada no ambiente hospitalar, como forma de facilitar a aprendizagem das crianças.

Os artigos abrangem em seu conteúdo desde a história da pedagogia hospitalar, até materiais que dão suporte aos pedagogos dentro das classes hospitalares. Porém, poucos artigos explanam com profundidade conceitos básicos necessários, como ‘Classe Hospitalar’,

‘Saúde/Doença’ e qual é exatamente a peculiaridade do papel do pedagogo dentro do âmbito hospitalar. Os conceitos definidos são escassos e, na grande maioria das vezes, pouco precisos.

Ao analisar nos artigos estudados os conceitos de ‘Classe Hospitalar’ e ‘Saúde/Doença’, foi possível observar que poucos artigos definem esses conceitos explicitamente, mesmo compreendendo que estes são conceitos primordiais para que possa se discutir sobre Pedagogia Hospitalar e são essenciais para nortear o pedagogo no âmbito hospitalar. A Classe Hospitalar é o local dentro do ambiente hospitalar onde o paciente-aluno terá a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos, é um local que possibilita a criança a sair um pouco da rotina hospitalar e dá oportunidade a criança experimentar outra possibilidade que não seja a realidade imposta pelo hospital. Sendo assim, se torna indispensável que os pedagogos saibam a necessidade desse ambiente dentro dos hospitais e principalmente como esse ambiente deve ser utilizado, como as atividades realizadas e como a socialização que ocorre dentro dele podem favorecer a criança e de alguma forma, podem contribuir para seu tratamento.

O conceito de Saúde/Doença também pouco discutido nos artigos analisados, são importantes pois para que o pedagogo possa compreender a enfermidade que acomete o paciente-aluno, é necessário que saiba de que maneira a Saúde e a Doença podem acometer a vida da criança e principalmente como a doença pode afetar a escolaridade da criança. A criança saudável mantém na maioria das vezes uma rotina que inclui no cotidiano a ida à escola, a realização de atividades e o convívio com outras crianças e com adultos. Para muitas crianças, a escola é o primeiro espaço de convívio com outras pessoas que não fazem parte da família, por isso, é um importante espaço de socialização. É comum que a criança saudável tenha diversas formas de entretenimento e diversão. Ao adoecer, a criança é privada da maioria das coisas que lhe era comum fazer antes da chegada da doença, o que faz com que sua rotina seja alterada e a realização de algumas atividades se torne difícil. Com o internamento, a criança além de ter sua rotina comprometida, fica longe de casa, local que para as crianças, na maioria das vezes, é local de acolhimento e confiança.

Ao permanecerem em um lugar diferente do que são acostumados, as crianças podem sentir sua estima abalada, podem ter sua confiança fragilizada e assim, começar um processo difícil de adaptação. Para que as crianças não sentissem de maneira brusca a ruptura de rotina. O professor colabora para que a criança retome as atividades de modo que percebam que mesmo

estando em um ambiente diferente, sua aprendizagem continuará em processo. Sendo assim, é necessário que o Pedagogo Hospitalar compreenda os conceitos de Saúde e Doença e todos os fatores que colaboram para a aprendizagem da criança, levando em consideração todas as necessidades que lhe acometem.

O quê os artigos falavam sobre o papel do pedagogo nos hospitais e nas classes hospitalares, pouco foi discutido nos artigos. Sabe-se que a criança acometida pelo internamento devido a alguma doença pode passar dias e até mesmo meses, a depender da doença e do seu tratamento, sem frequentar a escola. Devido a essa longa ausência contínua, se tornou uma preocupação dos familiares, da escola e do hospital que a criança pudesse dar continuidade às atividades escolares de alguma forma, levando em consideração os seus limites. Deste modo, se torna indispensável o trabalho do pedagogo dentro das classes hospitalares, pois ele colabora para que o paciente-aluno continue seu aprendizado mesmo longe da escola e favorece o cuidado. Contribui para que os direitos da criança sejam garantidos, colabora para que a criança possa enxergar o hospital como ambiente de socialização e possa ressignificar sua concepção sobre o ambiente hospitalar.

A criança na maioria das vezes enxerga o hospital como algo ruim, algo associado à dor e sofrimento, pois teme o distanciamento de sua rotina e associa a hospitalização a algo imutável. Ter um pedagogo dentro dos hospitais também sinaliza para a criança que o hospital também pode ser local de diversas aprendizagens.

Foi perceptível pelos artigos levantados que o uso das tecnologias nos hospitais está em constante crescimento. Ao analisar os artigos que falam sobre o uso da tecnologia nas classes hospitalares, foi possível observar como essa ferramenta tem colaborado para que a criança realize atividades escolares, para que possa realizar atividades educativas e recreativas.

Com a presente pesquisa, foi possível compreender a funcionalidade das classes hospitalares e do papel do pedagogo, que por muitas vezes pode não estar inserido na classe hospitalar especialmente, mas está no âmbito hospitalar geral, auxiliando na aprendizagem da criança, garantindo que seu direito de aprender seja respeitado, independente da circunstância ora estabelecida pela enfermidade. A pesquisa auxiliou e possibilitou a compreensão de algumas necessidades dessa área, as necessidades das crianças hospitalizadas e de como é

importante que haja um suporte maior para que os pedagogos, ao entrarem nos hospitais, compreendam as necessidades pelas quais a criança está passando dentro das enfermarias.

Ao pensarmos na Pedagogia Hospitalar como uma vivência diferenciada para o pedagogo observa-se a sala de aula como um local restrito, e com a pesquisa foi possível compreender que a atuação do pedagogo pode ir além da sala de aula. A importância do pedagogo no hospital é já bastante defendida nos artigos analisados, mas o seu fazer permanece aberto de definição exata (principalmente em termos metodológicos). Isso é algo que está por ser feito e abre campo para mais investigações. A pesquisa possibilitou enxergar a necessidade de que haja mais discussões, mais grupos de estudo, que possam auxiliar os pedagogos em formação, e os já formados, a compreenderem de uma maneira mais clara e objetiva qual o papel do pedagogo dentro dos hospitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Neusa. WEB ARTIGOS. **A pedagogia hospitalar enquanto prática inclusiva**. 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-pedagogia-hospitalar-enquanto-pratica-inclusiva/74978>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

ANDRADE, LBP. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Available from SciELO Books .

BRASIL. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 de julho. 1990.

BRASIL, .**Ministério da educação. secretaria de educação especial. política nacional de educação especial**.. MEC/SEESP ed. Brasília: [s.n.], 1994.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução 41, de 13 de Outubro de 1995. Publicada no **Diário Oficial da União** de 17 out. 1995.

BRASIL, .**Ministério da educação. diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica/secretaria de educação especial**. MEC/SEESP ed. Brasília: [s.n.], 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC ; SEESP, 2002.

BRASIL, .**Ministério da educação. secretaria de educação especial. política nacional de educação especial**.. MEC/SEESP ed. Brasília: [s.n.], 1994.

CARVALHO, Fábio Fortunato Brasil de. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. Brasília: [s.n.], 2015.

CAVALCANTE, Myrian Soares De Moraes; GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; ALMEIDA, Synara Do Espírito Santo. **Pedagogia Hospitalar: Histórico, Papel e Mediação com atividades lúdicas**. **Grupo Tiradentes**, [S.L], v. 8, n. 1, jan. 2015.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.

CORTE, Júlio André Della. *Pedagogia Hospitalar: Fundamentos e práticas de Humanização e Cuidado*. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, [S.L], v. 7, n. 8, p. 11-18, ago./dez. 2012.

COVIC, Amália Neide. **Aprendizagem da Docência**: um estudo a partir do atendimento escolar hospitalar.

2008. 226f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008. [Links

CUNICO, Hellen Cunha. *Educação e Pedagogia (E-book): Pedagogia Hospitalar*/Humberto Silvano Herrera Contreras (org.). Curitiba: Editora Faculdade Padre João Bagozzi, 2016. Série Educação e Pedagogia, Edição Especial.

ESTEVES, Cláudia Regina. WEB ARTIGOS. **Pedagogia hospitalar: um breve histórico**. 2008. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes%20hospitalares/webartigos/pedagogia20%hospitalar...pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

FALCO, Aparecida Meire Calegari. *Classe Hospitalar: a criança no centro do processo educativo*. **VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Paraná, p. 4282-4291, nov. 2007. Disponível em: << <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/PA-543-12.pdf>>. Acesso em: 12 setembro 2017.>. Acesso em: 12 set. 2017.

FEITOSA, Débora A. Apresentação. In: SARMENTO, Dirléia. NÖRNBERG, Maria; FOSSATTI, Paulo. **Formação de professores e cuidado em educação**. Canoas: Salles, 2009, p. 211 – 234.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados**: realidade nacional. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.

FOREST, Nilza Aparecida. WEISS, Silvio Luiz Indrusiak. **CUIDAR E EDUCAR**: Perspectivas para a prática pedagógica na educação infantil. Instituto Catarinense de Pós-Graduação-ICPG. Revista FACEVV, Vila Velha, Número 6, Jan./Jun. 2003

JORDÃO, Cristiane Fernanda; TRINDADE, Tatiane Teodora; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. Pedagogia Hospitalar: tipos de atendimento. **Educação**, Batatais, v. 6, n. 3, p. 181-198, jan./dez. 2016.

KRAMER, S. **Infância, Estado e sociedade no Brasil**. In: Conferência Brasileira de Educação. Brasília, DF: MEC, 1988, p. 199-206.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katál**, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, abr. 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas. Salvador: **EDUFBA**, 2000. [Links]

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira De Freitas. **Pedagogia hospitalar: A humanização integrando educação e saúde**. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MATTOS, Amanda Rocha. et al. O cuidado na relação professor-aluno e sua potencialidade política. **Estudos de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 369-377, abr./jun. 2013.

PARANÁ. Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (Sareh) / **Secretaria de Estado da Educação**. Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Núcleo de Apoio ao Sareh – Curitiba : Seed-PR., 2010. - 140 p. - (Cadernos temáticos).

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Formação de Professores para atuação na Pedagogia Hospitalar: Reflexões e Perspectivas. **EDUCERE**, Paraná, p. 12856-12874, out. 2015.

PERES, Giani. Pedagogia em espaços não escolares: Qual é o papel do pedagogo?. **Educare**, São Paulo, v. 1, n. 2, jan. 2012.

SILVA, Maria Celeste Ramos da. Formação de Professores para atuação nas classes hospitalares no município de Salvador-BA. **Pontifícia Universidade Católica do Paraná**,

Curitiba, p. 15141-15153, nov. 2015. Disponível em:

<http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5783_3230.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

SILVA, Neilton da. **Pedagogia hospitalar**: fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas: UFRB, 2013.

SILVA, Silvana Aparecida Siena; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. Pedagogia Hospitalar: a ação pedagógica em hospitais pediátricos. **Educação**, Batatais, v. 3, n. 1, p. 31-52, jun. 2013.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **Classe hospitalar no mundo**: Um Desafio à Infância em Sofrimento. Ceará: 2005.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. Histórias de formação de professores para a Classe Hospitalar. **Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 27-40, jan./abr. 2015.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Rio de Janeiro: Andes, 1941.

ZAIAS, Elismara; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. A produção Acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 14, n. 3, set./dez. 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ANALISADAS NO LEVANTAMENTO

CARDOSO, Terezinha Maria. Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 27, n. 73, p. 305-318, dez. 2007. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622007000300004&Ing=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300004>.

CARVALHO, Vanessa Alvim Kling Ferraz de; PETRILLI, Antonio Sergio; COVIC, Amalia Neide. Educação Infantil na Escola Hospitalar: a construção dos saberes escolares. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 40, n. 4, p. 1209-1233, dez. 2015 .

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000401209&Ing=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018. Epub 14-Ago-2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623646879>.

FONSECA, Eneida Simões Da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 25, n. 1, p. 117-129, jun. 1999 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000100009&Ing=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000100009>.

FONTES, Rejane de S.. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 29, p. 119-138, ago. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000200010&Ing=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782005000200010>.

LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani; MOHR, Adriana. Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 19, n. 3, p. 535-554, 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132013000300004&Ing=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr.2018.<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132013000300004>.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 39, n. 2, p. 595-616,

jun.2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018.

<http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000200013>.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles et al . A classe hospitalar como instrumento de participação política na construção coletiva da associação de pais e pacientes da hematocologia. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 26, n. 2, p. 317-335, ago. 2010 .

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000200015>.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Crianças e adolescentes que voam em jaulas: a tecnologia promovendo a liberdade no hospital. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 27, n. 73, p. 319-334, dez. 2007 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300005>.

ROLIM, Carmem Lucia Artioli. Entre escolas e hospitais: o desenvolvimento de crianças em tratamento hospitalar. **Pro-Posições**, Campinas , v. 26, n. 3, p. 129-144, dez. 2015 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000300129&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018.

<http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507806>.

TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem

Eurek@Kids. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 27, n. 73, p. 335-352, dez. 2007 .

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr.2018.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300006>.

ZARDO, Sinara Pollom; FREITAS, Soraia Napoleão. Educação em classes hospitalares: transformando ações e concepções à luz da teoria da complexidade.

Educ. rev., Curitiba , n. 30, p. 185-196, 2007 . Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000200012>.

ANEXOS

ANEXO 1: Tabela 1 – Lista de periódicos⁴ da área da Educação avaliados como A1 pelo Qualis da CAPES.

No.	NÚMERO ISSN	TÍTULO DA REVISTA	ÁREA DE AVALIAÇÃO	QUALIS DA REVISTA
1	1982-5765	AVALIAÇÃO: REVISTA DA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	EDUCAÇÃO	A1
2	1414-4077	AVALIAÇÃO: REVISTA DA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	EDUCAÇÃO	A1
3	0101-3262	CADERNOS CEDES (IMPRESSO)	EDUCAÇÃO	A1
4	0100-1574	CADERNOS DE PESQUISA (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. IMPRESSO)	EDUCAÇÃO	A1
5	1980-5314	CADERNOS DE PESQUISA (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. ONLINE)	EDUCAÇÃO	A1
6	1980-850X	CIÊNCIA & EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO	A1
7	1516-7313	CIÊNCIA E EDUCAÇÃO (UNESP)	EDUCAÇÃO	A1
8	1678-4626	EDUCAÇÃO & SOCIEDADE	EDUCAÇÃO	A1
9	0101-7330	EDUCAÇÃO & SOCIEDADE (IMPRESSO)	EDUCAÇÃO	A1
10	1678-4634	EDUCAÇÃO E PESQUISA	EDUCAÇÃO	A1

⁴Gentilmente cedido por pesquisa PIBIC – UFAL - FAPEAL (2017-2018), conforme descrito na seção da metodologia do presente trabalho.

11	1517-9702	EDUCAÇÃO PESQUISA (USP)	E	EDUCAÇÃO	A1
12	2175-6236	EDUCACAO REALIDADE (EDIÇÃO ELETRÔNICA)	E	EDUCAÇÃO	A1
13	0100-3143	EDUCAÇÃO REALIDADE	E	EDUCAÇÃO	A1
14	0102-4698	EDUCAÇÃO REVISTA (UFMG - IMPRESSO)	EM	EDUCAÇÃO	A1
15	1982-6621	EDUCAÇÃO REVISTA (UFMG - ONLINE)	EM	EDUCAÇÃO	A1
16	1984-6444	EDUCAÇÃO (SANTA MARIA. ONLINE)		EDUCAÇÃO	A1
17	1676-2592	EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL		EDUCAÇÃO	A1
18	0101-9031	EDUCAÇÃO (UFSM)		EDUCAÇÃO	A1
19	0104-4060	EDUCAR EM REVISTA		EDUCAÇÃO	A1
20	1984-0411	EDUCAR EM REVISTA		EDUCAÇÃO	A1
21	1809-4465	ENSAIO- AVALIAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO		EDUCAÇÃO	A1
22	0104-4036	ENSAIO - AVALIAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO (impressa)		EDUCAÇÃO	A1
23	2236-3459	HISTÓRIA EDUCAÇÃO	DA	EDUCAÇÃO	A1
24	1414-3518	HISTÓRIA EDUCAÇÃO (UFPEL)	DA	EDUCAÇÃO	A1
25	0103-7307	PRO-POSIÇÕES (UNICAMP)		EDUCAÇÃO	A1

26	1980-6248	PRÓ-POSIÇÕES (UNICAMP. ONLINE)	EDUCAÇÃO	A1
27	1809-449X	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ONLINE)	EDUCAÇÃO	A1
28	1413-2478	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (IMPRESSA)	EDUCAÇÃO	A1
29	2238-0094	REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO	A1
30	1519-5902	REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO	A1
31	0102-2555	REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. IMPRESSO)	EDUCAÇÃO	A1

ANEXO 2: Tabela 2 - Artigos sobre Pedagogia Hospitalar publicados nas revistas científicas Brasileiras A1 da Educação.

No.	NÚMERO ISSN	TÍTULO DA REVISTA	ARTIGOS ENCONTRADOS
1	1982-5765	AVALIAÇÃO: REVISTA DA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	Não foram encontrados artigos.
2	1414-4077	AVALIAÇÃO: REVISTA DA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	Não foram encontrados artigos.
3	0101-3262	CADERNOS CEDES (IMPRESSO)	<p>1 - TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem Eureka@Kids. <i>Cad. CEDES</i> [online]. 2007, vol.27, n.73 [citado 2018-04-03], pp.335-352. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3262. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300006.</p> <p>2 - PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Crianças e adolescentes que voam em jaulas: a tecnologia promovendo a liberdade no hospital. <i>Cad. CEDES</i> [online]. 2007, vol.27, n.73 [citado 2018-04-03], pp.319-334. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3262. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300005.</p>

			3 - CARDOSO, Terezinha Maria. Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG. <i>Cad. CEDES</i> [online]. 2007, vol.27, n.73 [citado 2018-04-03], pp.305-318. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300004&lng=pt&nrm=iso >. ISSN 0101-3262. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300004 .
4	0100-1574	CADERNOS DE PESQUISA (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. IMPRESSO)	Não foram encontrados artigos.
5	1980-5314	CADERNOS DE PESQUISA (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. ONLINE)	Não foram encontrados artigos.
6	1980-850X	CIÊNCIA & EDUCAÇÃO	1 - LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani e MOHR, Adriana. Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores. <i>Ciênc. educ. (Bauru)</i> [online]. 2013, vol.19, n.3 [citado 2018-04-03], pp.535-554. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132013000300004&lng=pt&nrm=iso >. ISSN 1980-850X. http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132013000300004 .
7	1516-7313	CIÊNCIA E EDUCAÇÃO (UNESP)	Artigo mencionado acima.
8	1678-4626	EDUCAÇÃO & SOCIEDADE	Não foram encontrados artigos.
9	0101-7330	EDUCAÇÃO & SOCIEDADE (IMPRESSO)	Não foram encontrados artigos.
10	1678-4634	EDUCAÇÃO E PESQUISA	1 - FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. <i>Educ. Pesqui.</i> [online]. 1999, vol.25, n.1 [citado 2018-04-03], pp.117-129. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000100009&lng=pt&nrm=iso >.

			ISSN 1517-9702. http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000100009
11	1517-9702	EDUCAÇÃO E PESQUISA (USP)	Artigo mencionado acima.
12	2175-6236	EDUCAÇÃO E REALIDADE (EDIÇÃO ELETRÔNICA)	<p>1 - CARVALHO, Vanessa Alvim Kling Ferraz de; PETRILLI, Antonio Sergio e COVIC, Amalia Neide. Educação Infantil na Escola Hospitalar: a construção dos saberes escolares. <i>Educ. Real.</i> [online]. 2015, vol.40, n.4 [citado 2018-04-03], pp.1209-1233. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000401209&lng=pt&nrm=iso>. Epub 14-Ago-2015. ISSN 0100-3143. http://dx.doi.org/10.1590/2175-623646879.</p> <p>2 - ORTIZ, Leodi Conceição Meireles e FREITAS, Soraia Napoleão. O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul. <i>Educ. Real.</i> [online]. 2014, vol.39, n.2 [citado 2018-04-03], pp.595-616. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2175-6236. http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000200013.</p>
13	0100-3143	EDUCAÇÃO E REALIDADE	Artigo mencionado acima.
14	0102-4698	EDUCAÇÃO EM REVISTA (UFMG - IMPRESSO)	<p>1 - ORTIZ, Leodi Conceição Meireles et al . A classe hospitalar como instrumento de participação política na construção coletiva da associação de pais e pacientes da hematocologia. <i>Educ. rev.</i>, Belo Horizonte , v. 26, n. 2, p. 317-335, ago. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000200015.</p>
15	1982-6621	EDUCAÇÃO EM REVISTA (UFMG - ONLINE)	Artigo mencionado acima.
16	1984-6444	EDUCAÇÃO (SANTA MARIA. ONLINE)	Não foram encontrados artigos.

17	1676-2592	EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL	Não foram encontrados artigos.
18	0101-9031	EDUCAÇÃO (UFSM)	Não foram encontrados artigos.
19	0104-4060	EDUCAR EM REVISTA	1 - ZARDO, Sinara Pollom e FREITAS, Soraia Napoleão. Educação em classes hospitalares: transformando ações e concepções à luz da teoria da complexidade. <i>Educ. rev.</i> [online]. 2007, n.30 [citado 2018-04-03], pp.185-196. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200012&lng=pt&nrm=iso >. ISSN 0104-4060. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000200012 .
20	1984-0411	EDUCAR EM REVISTA	Artigo mencionado acima.
21	1809-4465	ENSAIO- AVALIAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO	Não foram encontrados artigos.
22	0104-4036	ENSAIO - AVALIAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO (impressa)	Não foram encontrados artigos.
23	2236-3459	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Não foram encontrados artigos.
24	1414-3518	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFPEL)	Não foram encontrados artigos.
25	0103-7307	PRO-POSIÇÕES (UNICAMP)	1 - ROLIM, Carmem Lucia Artioli. Entre escolas e hospitais: o desenvolvimento de crianças em tratamento hospitalar. <i>Pro-Posições</i> [online]. 2015, vol.26, n.3 [citado 2018-04-03], pp.129-144. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000300129&lng=pt&nrm=iso >. ISSN 0103-7307. http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507806 .
26	1980-6248	PRÓ-POSIÇÕES (UNICAMP. ONLINE)	Artigo mencionado acima.
27	1809-449X	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ONLINE)	1 - FONTES, Rejane de S.. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. <i>Rev. Bras. Educ.</i> [online]. 2005, n.29 [citado 2018-04-03], pp.119-138. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi

			d=S1413-24782005000200010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-2478. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782005000200010 .
28	1413-2478	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (IMPRESSA)	Artigo mencionado acima.
29	2238-0094	REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Não foram encontrados artigos.
30	1519-5902	REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Não foram encontrados artigos.
31	0102-2555	REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. IMPRESSO)	Não foram encontrados artigos.

ANEXO 3: Tabela 3 – Nomenclatura utilizada para os artigos encontrados.

ARTIGOS	DENOMINAÇÃO
<p>ORTIZ, Leodi Conceição Meireles e FREITAS, Soraia Napoleão. O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul. <i>Educ. Real.</i> [online]. 2014, vol.39, n.2 [citado 2018-04-03], pp.595-616. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2175-6236. http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000200013.</p>	A
<p>CARDOSO, Terezinha Maria. Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG. <i>Cad. CEDES</i> [online]. 2007, vol.27, n.73 [citado 2018-04-03], pp.305-318. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3262. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300004.</p>	B
<p>ORTIZ, Leodi Conceição Meireles et al . A classe hospitalar como instrumento de participação política na construção coletiva da associação de pais e pacientes da hematooncologia. <i>Educ. rev.</i>, Belo Horizonte , v. 26, n. 2, p. 317-335, ago. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2018. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000200015.</p>	C
<p>CARVALHO, Vanessa Alvim Kling Ferraz de; PETRILLI, Antonio Sergio e COVIC, Amália Neide. Educação Infantil na Escola Hospitalar: a construção dos saberes escolares. <i>Educ. Real.</i> [online]. 2015, vol.40, n.4 [citado 2018-04-03], pp.1209-1233. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000401209&lng=pt&nrm=iso>. Epub 14-Ago-2015. ISSN 0100-3143. http://dx.doi.org/10.1590/2175-623646879</p>	D
<p>FONTES, Rejane de S.. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. <i>Rev. Bras. Educ.</i> [online].</p>	E

<p>2005, n.29 [citado 2018-04-03], pp.119-138. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000200010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-2478. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782005000200010.</p>	
<p>LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani e MOHR, Adriana. Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores. <i>Ciênc. educ. (Bauru)</i> [online]. 2013, vol.19, n.3 [citado 2018-04-03], pp.535-554. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132013000300004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1980-850X. http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132013000300004.</p>	F
<p>ROLIM, Carmem Lucia Artioli. Entre escolas e hospitais: o desenvolvimento de crianças em tratamento hospitalar. <i>Pro-Posições</i> [online]. 2015, vol.26, n.3 [citado 2018-04-03], pp.129-144. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000300129&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-7307. http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507806.</p>	G
<p>ZARDO, Sinara Pollom e FREITAS, Soraia Napoleão. Educação em classes hospitalares: transformando ações e concepções à luz da teoria da complexidade. <i>Educ. rev.</i> [online]. 2007, n.30 [citado 2018-04-03], pp.185-196. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-4060. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000200012.</p>	H
<p>FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. <i>Educ. Pesqui.</i> [online]. 1999, vol.25, n.1 [citado 2018-04-03], pp.117-129. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000100009&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-9702. http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000100009</p>	I
<p>PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Crianças e adolescentes que voam em jaulas: a tecnologia promovendo a liberdade no hospital. <i>Cad. CEDES</i> [online]. 2007, vol.27, n.73 [citado 2018-04-03], pp.319-334. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3262. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300005.</p>	J
<p>TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem Eureka@Kids. <i>Cad. CEDES</i> [online]. 2007, vol.27, n.73 [citado 2018-04-03], pp.335-352. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3262. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300006.</p>	K

